

# Introdução à Bíblia

J. N. Darby Traduzido do francês por: Bernd Bremicker Versão bíblica utilizada: ERC, 1995, SBB

## *Introdução*

Escrever uma introdução à Bíblia é um empreendimento extremamente difícil e sério. Como também poderia ser diferente quando se trata de apresentar um tal livro! A Bíblia contém, de fato, o conjunto de todos os pensamentos de Deus e de todos os seus caminhos com relação ao ser humano, assim como contém o Seu propósito a respeito do Cristo e do ser humano visto nEle.

Ela faz nos conhecer, ao mesmo tempo, aquilo que Deus é, qual é a responsabilidade do ser humano para com Ele, aquilo que Ele tem feito pelo ser humano e as novas relações com Deus em que o ser humano entra por meio de Cristo.

Ela revela aquilo que Deus é moralmente em Sua natureza e as dispensações, em cujo curso Ele Se glorifica diante dos céus e de seus habitantes.

Ela desenrola os segredos do coração humano e expõe completamente a sua situação e, ao mesmo tempo, ela descobre diante dEle todas as coisas invisíveis.

Ela começa naquele ponto onde o passado toca na eternidade e nos conduz, pela evolução e solução de todas as questões morais, ao alvo onde o futuro se funde na eternidade com Deus.

Ela sonda, em fim, as questões morais na perfeita luz de Deus plenamente revelada e nos faz conhecer os fundamentos das novas relações com Ele em conformidade com aquilo que Ele é em Si mesmo e com o Seu amor infinito.

Tomar um tal livro para mostrar o encadeamento de suas diversas partes, a sua relação entre si e com o conjunto, a fim de abrir ao espírito humano — na medida em que é dado ao ser humano fazê-lo, pois só Deus é capaz disso de maneira perfeita — o meio para compreender os caminhos de Deus como Ele os tem revelado, é uma tarefa, cuja dificuldade e seriedade são bem apropriados a fazer recuar o espírito daquele que o quer empreender, pois ele se encontra na presença dos pensamentos de Deus expressados por Ele mesmo.

Como, de fato, esse parêntesis divino inserida entre a eternidade passada e a eternidade vindoura é digno de toda admiração! Durante seu curso, a febril atividade do ser humano decaído, sob a instigação daquele que exerce o poder da mentira e do homicídio, se desdobra em pensamentos que perecem; mas também nesse mesmo período, a natureza e os pensamentos de Deus, Seu ser moral e Seu propósito determinado, até então escondidos nEle mesmo desde a eternidade, se revelam e se cumprem por meio do Filho — pondo o ser humano totalmente à prova e manifestando o que ele é —, para que apareçam, em seu resultado final, numa eternidade de glória onde Deus, rodeado de criaturas abençoadas que são vigorosamente capazes de conhecê-Lo e compreendê-Lo. Se manifestará na condição de luz e amor em meio do fruto de seus pensamentos eternos e imperecíveis. Então, tudo aquilo que Ele tem operado por Sua graça e sabedoria através das coisas que aparecem aqui em baixo, será posto em evidência nos seus frutos gloriosos e eternos. Então, Deus — o Pai, o Filho e o Espírito Santo — conhecido por Si mesmo antes que existisse o tempo, será conhecido por inumeráveis seres felizes, conhecido no gozo de sua própria felicidade, quando não haverá mais tempo. E esse mundo é a cena onde tudo colabora para esse fim; e o coração do ser humano é o lugar onde tudo se passa e realiza moralmente, se Deus, em Quem e por Quem e para Quem são todas essas coisas, habita nele por meio de Seu Espírito, para lhe dar inteligência e se Cristo, objeto e centro de tudo aquilo que Deus efetua, também for o seu único objeto.

Ora, a Bíblia é a revelação que Deus nos tem dado de todo esse maravilhoso sistema e de todos os feitos que ali são relatados. Compreende-se que se recua diante a tarefa de expor tais coisas, não é? Mas nós temos que lidar com um Deus de bondade. Ele tem prazer em nos ajudar em tudo aquilo que pode nos servir, para entrarmos com inteligência na revelação que Ele se compraz de nos dar referente a Seus pensamentos.

Há alguns grandes princípios que caracterizam essa revelação. Contemplemo-los antes de entrarmos em detalhes.

A primeira grande idéia que imprime seu caráter na revelação de Deus é o dos *dois Adãos*. Há dois homens — o primeiro e o segundo. Um é o ser humano responsável, enquanto o outro é o homem dos conselhos de Deus, em Quem, confirmando sim o princípio da responsabilidade, Deus Se revela a Si mesmo e ao mesmo tempo faz conhecidos os Seus conselhos soberanos e a graça que reina pela justiça. Esses dois princípios, o da responsabilidade do ser humano e o da invariabilidade de Seus conselhos, dominam todo o conteúdo da Bíblia. Somente, a graça, na plena força do termo, não se revela senão profeticamente antes da vinda do Filho, e ela estava de tudo encoberta, para não intervir nas relações de Deus para com o ser humano então existentes.

Freqüentemente, também ela se manifesta sob formas que não podem ser compreendidas senão com a chave fornecida pelo Novo Testamento. Contudo, a bondade de Deus se mostra naquilo que Ele tem feito.

Isso nos conduz a considerar dois outros princípios que se encontram revelados e desenvolvidos nas Escrituras.

Primeiro temos o *governo de Deus* na cena desse mundo, um governo certo, porém durante muito tempo oculto, exceto em Israel, onde ele se manifestava em pequena escala. Mas, até mesmo ali, ele aparece ainda pouco distinto aos olhos dos homens, porque a iniquidade parece prevalecer (veja Sl 73). Deus, porém, tinha, no âmbito desse governo, caminhos muito profundos e de mui grandes bênçãos para os Seus. E nesses caminhos, para o bem espiritual dos Seus, Ele Se servia de males infligidos conforme os princípios de Seu governo. A parte histórica da Bíblia, inteira o homem espiritual do curso desses caminhos. Os salmos apresentam as reflexões feitas sobre eles pelo Espírito de Cristo nos fiéis, e as expressões se elevam, às vezes, até a experiência de Cristo mesmo e, desta forma, são diretamente proféticas. Porém, não nos antecipeemos.

O outro princípio divino é a *graça soberana* que se ocupa de pobres pecadores, remove os seus pecados e os coloca na mesma glória que o Filho (que Se tornou homem para esse fim), “conforme a imagem de Seu Filho”, e isso conforme a justiça de Deus na virtude do sacrifício de Cristo por qual Ele glorificou plenamente a Deus com respeito ao pecado. Os traços dessa graça são reconhecíveis no governo de Deus e se mostram quando esse governo tem produzido o seu efeito; mas é a glória celeste que ela se revela plenamente.

Ao governo de Deus está ligado intimamente a *Lei*, que apresenta a regra do bem e do mal, conforme Deus, e que alicerça essa regra sobre a sua autoridade. O Senhor nos mostra, a partir de diversas passagens do Pentateuco, os princípios que, se estiverem estabelecidos no coração e ali operam, conduzirão à obediência para com Deus e ao cumprimento de Sua vontade, e produzirão assim a justiça humana. Os dez mandamentos não criam um dever; a existência do mesmo é fundado sobre as relações em que Deus tem colocado o ser humano.

Há, entre os dez mandamentos e os princípios da Lei tal como postos por Jesus, essa diferença: Os princípios extraídos por Ele dos livros de Moisés, abrangem o bem no sentido absoluto sem a questão do pecado, ao passo que os dez mandamentos partem do princípio da existência do pecado e, com uma exceção, são uma proibição de toda infidelidade nas relações da quais falam. É importante notarmos que o último dos mandamentos proíbe o primeiro movimentado coração em direção aos pecados anteriormente condenados: “o aguilhão está na sua cauda”. Além disso, as diversas relações são a base do dever — os mandamentos proíbem aos seres humanos de neles falharem. O princípio, pois, da Lei, de toda a Lei, é o seguinte: a aprovação dAquele para com Quem sou responsável, a minha aceitação por Aquele que tem o direito de julgar a fidelidade para com a minha responsabilidade, ou de minhas faltas — em uma palavra, a minha felicidade depende daquilo que sou nesse aspecto, daquilo que sou para com Ele. As relações são estabelecidas pela vontade e autoridade do Criador, e logo que falhar nelas, pecarei contra Aquele que as estabeleceu — sou desobediente e desprezo a Sua autoridade. O princípio da Lei é que a aceitação da pessoa depende diretamente de sua conduta. Por outro lado, a graça faz aquilo em que se apraz, agindo em bondade conforme a natureza e o caráter dAquele que opera em graça.

Há, em contraste com a Lei, um outro elemento importante nos caminhos de Deus, a saber, *as promessas*. Eles começam com a queda em pecado; mas, no seu caráter de um novo princípio nos caminhos de Deus, eles datam da época de Abraão. Naquele tempo, o mundo já havia se degenerado, não somente pelo pecado, mas também pela idolatria. Satanás e os demônios haviam se colocados no lugar de Deus no espírito do ser humano. Ora, a *eleição* de Abraão, seu *chamado*, e *odom das promessas* que lhe fora feito, tudo isso se ata à graça. Embora Abraão tivesse seguido a Deus<sup>1</sup> para a terra que Deus lhe indicara, ele não possuía nela um lugar para pôr o seu pé.

Isto é aquilo que introduz um outro princípio vital: o viver pela *fé*, receber a Palavra de Deus como tal e de contar com a fiel bondade de Deus. A promessa dependia, evidentemente, da graça — não da coisa dada, embora fosse assegurado pela palavra de Deus. A fé conta com essa promessa e, de forma mais ou menos clara, introduz o pensamento de uma bênção fora desse mundo. De outro modo, aquele que tinha a fé, não teria obtido nada por sua fé. A consciência do favor de Deus, sem dúvida, já era muito, mas ela dependia da fé em Sua fidelidade em relação com aquilo que prometera.

<sup>1</sup> Ele o fez primeiro somente pela metade, mas estamos aqui falando dos caminhos de Deus.

O objeto das promessas é um ponto importante a distinguir: há promessas incondicionais e promessas condicionais. As promessas feitas a Abraão, Isaque e Jacó eram incondicionais; aquelas feitas no Sinai eram condicionais: a palavra de Deus jamais confunde umas com as outras. Moisés evoca aquelas que foram feitas a Abraão, Isaque e Israel, i.e. Jacó (Êx 32:13); Salomão fala daquilo que entrou por Moisés (1 Rs 8:51-53). Aquilo que é dito em Neemias 1, se refere a Moisés e, em Neemias 9, primeiro a Abraão como sendo a fonte de tudo, depois a Moisés, logo que se trata dos caminhos de Deus. É essa a diferença que o apóstolo estabelece nos versículos 16 a 20 do capítulo 3 da epístola aos Gálatas.

Debaixo da Lei, logo houve um mediador. O gozo efetivo da promessa dependia da fidelidade de Israel tanto quanto da fidelidade de Deus. Então se vê que tudo era perdido desde o início. O cumprimento da simples promessa de Deus dependia da Sua fidelidade; quanto a isso, tudo é seguro. Na passagem da epístola aos Gálatas a que aludimos, nós aprendemos além disso de que é Cristo, ao segundo homem, que as promessas feitas a Abraão têm sido confirmados, e se cumprirão — todos elas são Sim e todas Amém — quando chegará o Seu dia, dia esse que os profetas sempre tinham em vista. Aqui se manifesta a diferença, já assinalada, no governo desse mundo, e a graça soberana encontra a sua aplicação.

Os profetas não falam da graça que nos coloca no céu. De fato, a profecia se refere àquilo que é terrestre e, pelo que concerne o Senhor Jesus, ela encerra a revelação daquilo que devia estar sobre a terra por ocasião de Sua primeira vinda. Depois, continuando o assunto, ela nos diz o que haverá sobre a terra quando vier outra vez, sem que faça alusão àquilo que devia acontecer entre os dois adventos. Todavia, os fatos relativos à pessoa do Senhor são anunciados nos Salmos que nos revelam com mais detalhes a Sua história pessoal: a Sua ressurreição (Sl 16), a Sua ascensão (Sl 68), o Seu assentar à destra de Deus (Sl 110). Quanto ao Espírito Santo, as profecias nos deixam aprender que Ele O receberia na Sua condição de homem; que os dons não são somente dons de Deus, mas que Cristo os receberia “em homem”, i.e. enquanto homem em contato coma humanidade. Por outro lado, com exceção dos desejos de Davi expressos nos Salmos 72 e 145, onde se trata daquilo que diz respeito à pessoa do Senhor, não é uma questão abordados nos Salmos o estado de coisas que seguem ao Seu retorno, ao passo que esse estado futuro é largamente descrito nos profetas tanto quanto ao cumprimento das promessas feitas aos judeus bem com quanto às conseqüências que dela provêm para as nações. Um outro ponto é digno de nota: Quando os profetas dão, da parte de Deus, encorajamento à fé para o tempo em que falaram e as circunstâncias penosas de então, o Espírito de Deus faz uso disso para levar os pensamentos ao futuro ainda bem distante, quando Deus intervirá em favor de Seu povo.

Finalmente, quando o pecado estava já ali, quando já a Lei havia sido violado, quando os próprios profetas, enviados por Deus, haviam, em vão, lembrado Israel de seu dever e quando Deus já reclamara o fruto da vinha, então o Messias prometido chega com as provas evidentes de Sua missão — provas que a inteligência humana podia reconhecer e que, de fato, foram reconhecidas (veja João 2:23; 3:2). Deus fala na pessoa do Filho (Hb 1), o grande Profeta prometido. Mas, ao mesmo tempo, o Pai fora revelado no Filho, e o ser humano não queria Deus. O Filho de Deus estava ali, libertando o ser humano de

<sup>2</sup> Isso se prende àquilo que é dito em 2 Pedro 1:20-21. As circunstâncias do momento não explicam a causa das profecias das Escrituras; aquilo que é dito faz parte do grande sistema dos caminhos de Deus, todos os males exteriores que o pecado intruzira no mundo e do poder de Satanás que se agarra nele; mas essa manifestação de Deus em bondade não fazia outra coisa senão revelar outra vez o ódio contra Deus que se encontra no coração do ser humano: os judeus perderam assim todo o direito das promessas e o ser humano rejeitou a Deus manifestado em bondade aqui em baixo.

A história do ser humano responsável estava terminada; pois, não estamos falando aqui de graça, senão na medida em que a presença de Deus em graça pôs essa responsabilidade à prova. Não somente é o pecado a violação da Lei e a violação da Lei já estava lá, mas os homens, embora naquele tempo Deus tivesse apesentado em bondade, não mais imputando-lhes os seus pecados, não pode suportar a Sua presença. Toda a relação do ser humano com Deus era impossível sobre o terreno em que o ser humano se encontra, apesar das milagres, e de toda a bondade, e não somente do poder, executadas por Jesus, assim como Ele mesmo disse: “...agora não têm desculpa do seu pecado ..., mas, agora, viram-nas e me aborreceram a mim e a meu Pai” (Jo 15:22-25; João se serve sempre do nome de “Pai”, quando ele fala de Deus, agindo em graça). Sim, e isso é uma verdade solene — a história do ser humano, moralmente, se encerrou! Mas ela dá ocasião para que Deus em Sua benignidade abra a porta da graça infinita diante dAquele que, no Filho, Se revela na Sua condição de Deus da graça (Jo 12:31-33). A cruz de Cristo diz: o ser humano não queria a Deus, mesmo que Ele viesse em graça (2 Co 5:17-19); mas ela também afirma: Deus é infinito em Sua graça, nem mesmo poupando o Seu Filho para reconciliar o ser humano com Consigo mesmo<sup>4</sup>.

Traçamos outra vez brevemente a história dos caminhos de Deus com respeito à responsabilidade do ser humano. É surpreendente ver, na história do ser humano, que todas as vezes que Deus estabelecera alguma coisa boa, *sempre o primeiro ato do ser humano tem sido arruiná-la*. O primeiro ato do ser humano foi um ato de desobediência: caiu em pecado rompeu toda a relação entre si e Deus; desde então tem estado com medo dAquele que o cobriu de bondades. Noé, escapado do dilúvio que havia tragado um mundo inteiro, menos a sua família, se embriaga e desonra e perde a autoridade que lhe fora conferida. A Lei foi dada, e Israel fez um bezerro de ouro ainda antes que Moisés descesse da montanha. Logo no primeiro dia de seu ministério, Nadabe e Abiú oferecem fogo estranho e Arão é proibido de entrar no santo dos santos em suas vestes de glória e beleza e até mesmo de entrar de qualquer outra maneira senão unicamente no grande dia da espiação (Lv 16). Salomão, filho de Davi, cai em idolatria e o reino é dividido. O primeiro chefe das nações, aquele a quem Deus havia dado o poder, fez um ídolo e perseguiu aqueles que ficaram fiéis ao SENHOR. A igreja, exteriormente vista, ou com outras palavras a igreja professante, também não escapou por mais tempo do que esses dessa regra geral da desobediência e da ruína.

Se nós consideramos agora os caminhos de Deus com respeito ao ser humano no espaço de tempo desde Adão até o Cristo, encontramos primeiramente o ser humano inocente, gozando de bens terrestres, sem dificuldade alguma; e para ele o mal não existia. A responsabilidade estava colocada em evidência pela proibição de comer do fruto de uma

<sup>3</sup> Com uma única exceção, a maldição da figueira, que é uma expressão daquele estado de coisas no final da carreira do Senhor. <sup>4</sup> A rejeição de Cristo, vindo na condição de Messias e sendo ao mesmo tempo Deus manifestado em carne — o fim dos caminhos de Deus para com o Seu povo, assim como a manifestação do ódio do ser humano contra Deus coincidiram. A queda de

Israel de todas as promessas e a condenação do homem em seu estado natural, no que diz respeito ao princípio da responsabilidade, aconteceram simultaneamente.

certa árvore. Isso era um simples negócio de obediência. Essa proibição, ou essa lei, não supunha o mal; sem ela, Adão poderia ter comido do fruto da árvore como do de qualquer outra; não lhe teria feito mal nenhum, se não tivesse sido proibido. O ser humano sucumbiu à tentação. Ele perdeu Deus, e se esconde diante dEle antes de ser expulsado por Ele. Depois, ele é judicialmente expulsado do jardim onde podia gozar da presença de Deus — Deus, Quem, de fato, foi a sua procura no frescor do dia. O ser humano adquire uma consciência. Ele aprende, e isso apesar de si mesmo — não por meio de uma lei imposta, mas interiormente — a fazer diferença entre o bem e o mal. Sem dúvida, a consciência pode ser horrivelmente endurecida ou extraviada, ainda assim está presente no ser humano: quando uma pessoa faz algo que é mal, a sua consciência o condena. A lei de Deus é a regra para a consciência, mas não é ela mesma que faz uso dessa regra. O ser humano, desde então, tem se arruinado, porque tem desobedecido. Ele renunciou a depender de Deus e a estar submisso a Ele; ele tem medo de Deus e procura de se esconder dEle (se isso fosse possível). Depois, ele é expulsado do jardim, privado de todas as bênçãos, em cujo meio provou a bondade de Deus, nas quais podia reconhecer o próprio Deus e até mesmo gozar de Sua presença, porque “o SENHOR Deus ... passeava no jardim” (Gn 3:8). A vontade própria e a cobiça haviam entrado na natureza do ser humano, a culpabilidade e o medo de Deus tomaram conta de sua posição; mas, em seguida, é expulsado, judicialmente, de um lugar que não convinha mais a seu estado e, moralmente, é expulsado da proximidade de Deus. Que coisa horrível teria sido, se poderia ter comido da árvore da vida e assim encher o mundo de pecadores imortais que não tivessem mais medo da morte do que de Deus! Deus não o permitiu.

Porém, temos que notar algumas circunstâncias muito interessantes ligadas ao juízo, debaixo do qual o ser humano veio. Temos visto que Adão fugiu da presença de Deus. O julgamento pronunciado sobre ele, sobre Adão e Eva (Gn 3:14-19), é um julgamento terrestre e não um julgamento da alma. Adão, e também Eva, ambos estão postos na infelicidade e debaixo do jugo de trabalho penoso, de sofrimentos e da morte. Antes de ser expulsado, Adão, pela fé, no que parece, reconhece a vida ali onde a morte entrara (Gn 3:20); mas há mais: há a promessa, quanto à mulher, da semente que feriria a cabeça da serpente. O Cristo, a semente daquela mulher pela qual o mal entrou no mundo, devia destruir todo o poder do inimigo. Então, como o pecado destruíra a inocência do ser humano e lhe deu, por meio da vergonha de sua nudez, uma consciência de sua perdição, o próprio Deus, fazendo com que a morte intervisse, veste Adão e a sua mulher e cobre a sua nudez (Gn 3:21). Antes, o ser humano não tinha consciência do mal; agora, o mal lhe é conhecido, mas ele é coberto pela ação de Deus mesmo. O ser humano havia procurado esconder o pecado de si mesmo, mas logo que escuta a voz de Deus — para que lhe servem as folhas de figo? Elas não servem de nada para uma consciência despertada na presença de Deus: “...porque estava nu, escondi-me”, diz ele. Observemos que antes de ser lançado fora, Deus não lhe restituiu a inocência — era algo impossível. Ele fez melhor ainda: Para que visse a sua própria obra, Ele vestiu Adão e sua mulher — algo que a sua situação fazia necessária aos Seus olhos e que Ele completou em Sua graça. E ainda acrescenta a declaração de que aquele que os induzira ao mal seria, futuramente, esmagado.

Entretanto, o ser humano é expulso do jardim, onde ele gozava, sem a fé, de todas as bênçãos de Deus. Agora, ele tinha que lavar a terra, morrer e, até a morte, estar separado de Deus, que, anteriormente, passeava pela viração do dia no jardim, onde o homem habitava. Desde então, o ser humano não pode mais conhecer a Deus senão *pela fé*, se a fé estiver no seu coração — um princípio novo e de todo importante. Ele perdeu a Deus, adquiriu uma consciência e devia trabalhar penosamente para ganhar a sua vida passageira. Tinha que viver, se podia e encontrar Deus se podia; mas ele estava, doravante, fora da esfera visitada por Deus e onde a abundância de Sua bênçãos estava sendo distribuída sem que estivesse acompanhada de dificuldade nem de trabalho penoso. O ser humano havia fugido da presença de Deus e Deus havia lançado fora o ser humano. Adão não estava mais, nem com respeito ao estado de sua alma, nem judicialmente, na relação que Deus havia criado, a fim de que estivesse com Ele. Agora estava em pecado. Repetimos: O ser humano havia fugido da presença de Deus, e Deus havia lançado o ser humano para fora da posição em que fora colocado quando de sua criação. Agora era estranho para Deus, com uma má consciência, tendo justo assaz conhecimento de Deus para poder ter medo dEle. Todavia, aprendeu que a semente da mulher esmagaria a cabeça da serpente. A graça e a obra de Deus haviam providenciado uma vestimenta que, dando ao todo testemunho da morte, cobria perfeitamente e da parte de Deus a nudez, da qual tinha consciência, e que era a expressão de sua queda e de seu estado de pecado. O ser humano está fora; onde teria ele um lugar em que pudesse entrar na presença de Deus, para adorá-Lo e para estar, moralmente, com Aquele, que havia abandonado?

Essa nova questão surgiu, então, na história de Adão.

Abel oferece um *sacrifício* que não lhe custou nada, por assim dizer; mas ele oferece pela fé, reconhecendo que ele é pecador, fora do jardim, afastado de Deus e que a morte entrara no mundo. Reconhece, no mesmo tempo, a graça divina que cobrira a nudez de seus pais, e ele se aproxima de Deus por um sacrifício de propiciação, que somente podia tirar o pecado e permitir a um pecador aproximar-se de Deus em virtude da morte de um outro. O caráter de Deus, em amor e justiça, por um lado, e, por outro, o estado de Abel, eram reconhecíveis nessa oferta: ele oferece pela fé e Deus aceita, como também recebe a pessoa do próprio Abel, dando testemunho de suas dádivas (veja Hb 11:4). Abel foi aceito por Deus de acordo com o valor de suas dádivas, isso é de Cristo. Deus mesmo havia coberto a nudez de Adão; Abel veio, reconhecendo a sua posição e a necessidade do sacrifício expiatório, por meio do qual somente poderia entrar na presença de Deus.

Caim, ao contrário, se apresenta com o fruto de seu duro trabalho. O ser humano, depois de estar fora da presença de Deus, devia vir a Ele e adorá-Lo — todos aqueles que não são abertamente apóstatas, não somente de Cristo, mas de Deus, reconhecem esse fato. Caim o reconhecia, mas de que maneira? Ele cria que podia se aproximar tal como era. E por que não? Quanto ao pecado, ele nem sequer pensou nele. O fato de que Deus havia lançado o ser humano para fora do paraíso, à sua vista não mudou nada. Ele se apresenta como se nada tivesse acontecido. Depois, moralmente cego e insensível, ele oferece o fruto de *seu trabalho*, verdade, mas isso era a prova da maldição que reposava agora sobre a terra. Ele não reconhecia nem aquilo que era, nem Quem era Deus — nem o pecado, nem a maldição que pesava sobre o seu trabalho, fruto do pecado. Uma vez que o ser humano estava fora do paraíso, ele agiu por si mesmo para se aproximar de Deus, e Deus mesmo, naquele tesouro de grandes princípios depositados em Gênesis, proclama por todos os séculos como isso pode ser feito. Todas as suas narrações englobam os fundamentos de nossas relações com Deus, e mostram, ao mesmo tempo, o estado do ser humano.

O pecado se completa. Em Adão, temos visto pecado contra Deus. O pecado do ser humano contra o seu irmão vem logo em seguida. Caim está irritado pelo fato de Deus tê-lo rejeitado, e o homicídio entra no mundo. Caim mata o seu irmão. Deus interpele, não para lhe dizer como a Adão: “Onde estás?”, porque Adão deveria ter estado em plena alegria diante de Deus, e essas palavras “Onde estás?” implicam em toda a sua posição; a Caim, Deus disse: “Que fizeste?” (Gn 4:10). Mas nós temos, anteriormente, o diálogo de Deus com Caim a respeito do assunto de suas relações com Ele: “Se bem fizeres, não haverá aceitação para ti?” e: “para ti será o teu desejo, e sobre ele dominarás” (Gn 4:7); se fizeres o mal, o pecado — ou um sacrifício pelo pecado (a palavra hebraica tem esses dois sentidos) — “jaz à porta” (ou “está perto”), isso quer dizer, há um remédio: são esses os princípios gerais de nossas relações com Deus. Se fizer o que é bom, é aceito da parte de Deus. E se fizer o que é mal, a graça de Deus colocou à porta um sacrifício pelo pecado.

Observemos aqui que o sacrifício de Abel não era um sacrifício pelo pecado; nem Caim e nem Abel vieram a Deus com a consciência pesada de alguma transgressão que lhes fosse conhecida. Era o estado de cada um deles que estava em questão, o estado do ser humano diante de Deus: por um lado temos o ser humano que reconhece estar afastado de Deus e que se aproxima dEle conforme a graça; por outro lado temos aquele homem natural, insensível ao pecado. A resposta de Deus a Caim fala de positiva transgressão, e isso confirma o pensamento de que, nessa passagem, trata-se da questão de um sacrifício pelo pecado e não do pecado em si. Mas, como dissemos, Caim se faz culpável de pecado contra o seu irmão, o que era impossível a Adão. Ele completa assim o pecado em seu segundo caráter. Deus pronuncia o julgamento sobre Caim, que, maldito em seu trabalho, fugitivo e errante, se deixa levar ao desespero. Depois, abandonando inteiramente a presença de Deus que lhe falara, ele se estabelece na terra em que Deus o fez ser errante (“Node”), e o *mundo* como um sistema toma seu início. Caim construiu uma cidade e a chama pelo nome de seu filho. Os seus filhos se enriqueceram, inventam a arte de trabalhar em metais e introduzem o refinamento de artes: procuram ser tão felizes quanto possível sem Deus. Além da verdade geral, podemos ver em Caim um tipo dos judeus, assassinos do Senhor: eles portam a marca em suas fronteiras. Lameque deixa se ir conforme a sua própria vontade e toma duas mulheres, mas ele é, assim pensamos, uma figura de Israel no fim dos tempos. Sete é o homem segundo o propósito determinado de Deus — uma figura de Cristo. As duas famílias entre os seres humanos são estabelecidas sobre a terra; mas já naqueles dias se manifesta o ódio de um para com o outro em Caim e Abel (compare 1 Jo 3:11-12). Nós temos, então, o testemunho de Deus em Enoque, que anuncia a vinda de Cristo em juízo e, em Noé, que passa pelo julgamento terrestre, alguém, que, por assim dizer, “nasce de novo” em um novo mundo.

Nós nos alargamos um pouco sobre essa parte da história, porque ela apresenta o estado do ser humano decaído e os princípios estabelecidos, para que ele possa entrar em relação com Deus, sem instituições religiosas, mas não sem um testemunho da parte de Deus.

A vida eterna também se manifesta na figura de Enoque assim como, em Abel, o sacrifício pelo qual o ser humano decaído pode se aproximar de Deus. Em Adão e Eva, debaixo do juízo, se manifesta a graça soberana que os vestiu antes de lançá-los para

<sup>5</sup> Compare essas palavras com o julgamento pronunciado sobre a mulher em Gênesis 3:16. fora do jardim de Éden. Finalmente, em Noé, o fim do século é anunciado bem como a passagem através do juízo. Tudo isso nos encontramos, por lembrança, na epístola aos Hebreus, capítulo 11, versículos 1-7. Mas o ser humano decaído sempre foi piorando. Restou apenas o fiel Noé, a quem Deus salvou quando destruiu o mundo. É importante observarmos que, nos fatos relatados até aqui, que contêm princípios muito mais profundos e eternos em sua natureza e efeito, a história dessa época do julgamento sobre Adão e sobre o mundo é uma história aqui em baixo, e que os juízos são governamentais e se referem a coisas da terra.

Um novo mundo se inicia com Noé. Ele começa com um sacrifício. Aqui, “holocaustos” são expressamente mencionados; eram agradáveis a Deus. Deus declara que Ele não mais amaldiçoaria a Terra nem feriria todos os seres vivos, mas que as estações anuais se sucederiam conforme a ordem por Ele estabelecida; e isso enquanto durasse a Terra. Porém, o ser humano não continua sendo a autoridade, como a era anteriormente no paraíso, que, exercida em paz, dá soberanamente os nomes aos animais: Daquele dia em diante, o medo do ser humano dominaria sobre todas essas criaturas. O ser humano podia comê-las, mas ele não devia tocar o sangue — o sinal da vida. Além disso, uma autoridade administrativa é estabelecida, para restringir a

violência que se havia desencadeado. Aquele que tirasse a vida do ser humano, incorreria a perda de sua própria vida. Deus exigiria o sangue dele pelo sangue derramado, e o ser humano é revestido da autoridade necessária, para fazer valer essa lei. Em seguida, Deus dá o arco-íris como sinal de Sua aliança com a criação inteira. É esse o testemunho de que não haverá mais outro dilúvio. Nós vivemos na Terra debaixo desse regime.

Oxalá! Noé, gozando da bênção concedida, falha quanto à sua posição, se embriaga e se desonra. O mundo se divide em três partes: uma em relação com Deus; uma outra, maldita, mencionada com vistas à história de Israel; uma terceira, a massa dos gentios. Os seres humanos procuram a se elevar sobre a terra e a centralizar o poder de sua raça, cuja unidade ainda subsiste; mas Deus confunde os seus planos com a sua língua. Depois disso, o poder imperial se estabelece sobre a terra com Ninrode. Babel e a terra de Sinar começam a se evidenciar. Isso é o nosso mundo.

Um outro elemento importante se desenvolve na história: a *idolatria* se introduz. Não somente Satanás, como o tentador, torna o ser humano malvado, mas ele se constitui no deus do homem, a fim de ajudá-lo a satisfazer as suas paixões. O ser humano perdeu a Deus, com Quem, outrora, estava em relação e com Quem essas relações haviam sido renovadas na pessoa de Noé. Naquele tempo, o ser humano começou a fazer um deus de tudo em que a natureza mostra a sua força, fazendo disso um brinquedo para a sua imaginação e um meio de satisfazer as suas cobiças. Tendo perdido a Deus, o ser humano não havia mais nada senão a idolatria. Até mesmo daquela parte da raça humana que estava em relação com o SENHOR (Gn 9:26) nos é especialmente relatado de como caiu quanto a esse ponto (Js 24:2). Que queda terrível! O ser humano não podia se livrar da consciência de que havia ali um Deus, um Ser acima dele, e ele o temia. Portanto, ele criou para si uma multidão de deuses inferiores, por meio dos quais procurava a banir aquele temor e a obter uma resposta a seus desejos. Embora se escondesse atrás disso, ainda assim, no fundo, lhe restava o conhecimento de um “Deus desconhecido”. Os astros, os ancestrais, os filhos de Noé, os membros da raça humana ainda mais antigos e menos conhecidos, as forças da natureza — tudo que não era ser humano, mas agia e operava sem ele — a reprodução da natureza após a sua morte, a geração de seres viventes — tudo tomou a forma de ‘deus’ aos seus olhos. O ser humano não possuía mais o Deus verdadeiro, mas precisava de um Deus e, em sua condição dependente e miserável fazia deuses conforme as suas paixões e sua imaginação; e Satanás se aproveitava disso. Pobre humanidade sem Deus! É esse o momento em que Deus intervinha soberanamente. Observemos, de passagem, que Ele diminui pela metade a duração da vida do ser humano depois do dilúvio, e a reduz mais uma vez no tempo de Pelegue — época em que a terra foi dividida e em que Deus repartia a cada povo o seu lugar (Dt 32:8).

Como já dissemos, a influência universal da idolatria conduz a uma intervenção de Deus — uma intervenção que imprime o seu caráter sobre os Seus mais importantes caminhos: Ele *chama* Abraão e o faz sair do meio corrompido, a fim de que se tornasse o ancestral de um povo que Lhe pertencia. Em Abraão, o pai dos crentes, três ou até mesmo quatro princípios são postos em evidência:

- a vontade soberana de Deus, também chamada de *eleição*,
- b) depois o *chamado de Deus*,
- c) as *promessas* e
- d) o *culto constante rendido por um homem que devia ser estrangeiro na terra*.

Esses dois fatos, a posse das promessas e a não-posse das coisas prometidas induzem a afeições e à esperança em um domínio fora desse mundo, sem dúvida ainda de uma forma vaga, mas mais tarde haveriam de ser acrescentadas mais revelações. Esses princípios têm desde então caracterizado o povo de Deus. Vamos agora resumir esses novos caminhos de Deus: O mundo havia se entregado à idolatria, Deus chama um homem para fora do mundo, para Lhe pertencer e faz desse homem o depositário das promessas. Havia fiéis antes de Abraão, sim, mas não como a raiz de uma raça (como Adão a era de uma raça decaída). Abraão é o chefe da raça, e até nós mesmo, se formos de Cristo, somos semente de Abraão.

Nada pode ser mais instrutivo que a vida de Abraão, mas, aqui, nós não podemos indicar nada além daquilo que caracteriza os caminhos de Deus. Abraão declara que é peregrino e estrangeiro. Quando chegou na terra que Deus lhe dera, mas onde não possuía nem lugar para pôr o seu pé, ele levanta um altar a Deus. Ele não tem nada mais senão a sua tenda e o seu altar. Ele monta a sua tenda e constrói o seu altar ali onde se demora. Mas ele falhou, porque logo, sem consultar a Deus, desceu ao Egito. Deus o guarda, mas Abraão não tem nenhum altar depois de sua partida da terra de Canaã até que ele retorna. As promessas lhe são feitas: Ele teria uma posteridade numerosa (Israel), a qual a terra de Canaã seria dada como posse perpétua. Logo, todas as nações da terra seria benditas nele. O filho, em Quem estavam postas todas as promessas, havia de ser sacrificado a Deus e foi recuperado como se tivesse, em figura, ressuscitado de entre os mortos — a promessa da bênção das nações é confirmada à semente, isso quer dizer a Cristo (compare Gl 3:16). As promessas são incondicionais: trata-se do propósito tomado por Deus. Israel será abençoado com base nelas nos últimos dias. Os cristãos, sem falar das revelações e dos fatos já cumpridos que são de uma importância infinita, se alegram com base nelas atualmente. Sara queria ter “a semente” segundo a carne, antes do tempo determinado. Mas tudo devia estar sobre o princípio da promessa: isto é graça, fé, esperança; porque nada era cumprido naqueles

dias. E isso continua sendo verdade quanto à glória, exceto no que diz respeito a pessoa de Cristo. Logo, Deus era o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó — co-herdeiros da mesma promessa. Em Isaque temos a figura das relações de Cristo com a Igreja; Jacó nos faz entrar na esfera do povo terrestre.

Quando Jacó havia chegado ao Egito, os israelitas, seus descendentes, foram sujeitos ao jugo da escravidão, à dura servidão dos egípcios, como nós o somos ao pecado na carne. Esse fato introduz um novo princípio de imensa importância, o *daredeção*, acompanhado de uma outra verdade: a existência de um povo de Deus na terra; de um povo, em cujo meio Deus habita (Êx 3:7-9; 6:1-8; 29:45-46). É essa a graça soberana que pensa na miséria do povo, e que entende o grito dos filhos de Israel. Mas Israel estava no pecado tanto quanto aos egípcios; como, portanto, podia Deus libertá-lo? Ele encontrou um *resgate*: o sangue do cordeiro pascal — figura de Cristo — é espargido, pela fé, sobre a verga e as duas ombreiras da porta de cada dos israelitas, e Deus, que inflige o julgamento, “passa por cima” do povo abrigado pelo sangue. Israel come o cordeiro que havia sido sacrificado e os havia protegido do juízo. Comem o cordeiro com ervas amargas e pães asmos, com a amargura da humilhação e da verdade no coração, os lombos cingidos, o cajado na mão, os sapatos nos pés; depois deixaram o Egito às pressas. Então, chegado ao Mar Vermelho, o povo é libertado: “Não temais; estai quietos e vede o livramento do SENHOR” — diz Moisés (Êx 14:13). O poder do Egito cai debaixo do juízo de Deus executado sobre ele; daquele dia em diante, Israel estava fora do Egito, livre conduzido a Deus. A redenção é completa; o povo não veria mais os egípcios, nunca mais (Êx 14 e 15).

Há também uma vida que Deus apreciava: Israel devia beber das águas amargas da morte (isso é Mara) suportado por Cristo em toda a sua realidade em nosso favor. Eles se alimentaram do Maná, Cristo, e beberam da água da rocha, que é o Espírito de Deus. Depois, também foram sustentado do alto nas lutas. Nessas relações, tudo é graça. Deus agiu em graça e se glorificou no meio das falhas do ser humano. No mais, o ser humano está com Deus, porque a redenção conduz a Deus (Êx 19:4); mas a viagem debaixo da graça para chegar perto de Deus é acrescentada a esses grandes princípios. O estabelecimento do sábado, porque o povo resgatado tinha parte no repouso de Deus, é acompanhado do maná, Cristo — assim como a luta segue à água da rocha.

Alguns versículos de Êxodo, capítulo 15, requerem aqui a nossa atenção. Nós encontramos: “Tu, com a tua beneficência, guiaste este povo, que salvaste; com a tua força o levaste à habitação da tua santidade” (versículo 13); mas, por outro lado, lemos no versículo 17: “Tu os introduzirás e os plantarás no monte da tua herança, no lugar que tu, ó SENHOR, aparelhaste para a tua habitação...”: isso quer dizer que os filhos de Israel estavam não somente aproximados junto de Deus — a sua redenção era absoluta e completa —, mas eles deviam também ser introduzidos na herança prometida.

O leitor há de notar que não é uma questão do deserto, nem em Êxodo 3, nem no capítulo 6 e nem na passagem que citamos (Êxodo 15:1-21). A obra da redenção estava perfeita, o deserto não era necessário. O salteador salvo estava em condições de estar com Cristo no paraíso assim como nós também o somos (veja Cl 1:12). O deserto não faz parte dos *conselhos* de Deus que, naquilo que nos concerne, dizem respeito à redenção e à herança; o deserto faz parte dos caminhos de Deus (veja Dt 8:2-3 etc.). Deus nos põe à prova, para que nos conheçamos a nós mesmos e para que conheçamos a Deus. Todos os profetas são colocados à prova com base em uma redenção cumprida: se não tiverem a vida, caem no caminho, ao passo que os verdadeiros crentes

perseveram até chegarem ao alvo. Além do mais, o povo como um todo é colocado à prova e é castigado (Dt 8:6 e 15-16). Nessa posição a pessoa se encontra, em princípio, debaixo da Lei. Trata-se daquilo que somos diante de Deus com respeito ao Seu governo, mas estamos sendo guiados debaixo da vara do sacerdote. (A morte de Arão encerra essa parte da figura; e a “bezerra ruiva” — Números 19 — é dada como uma provisão especial para as contaminações contraídas no deserto.) É diferente quando a justificação é o assunto: Então, no final do deserto — da nossa vida de provações aqui em baixo — é dito: “Neste tempo se dirá de Jacó e de Israel: Que coisas Deus tem feito!” (Nm 23:23). Ao longo de todo o caminho a questão era: Que coisas Israel tem feito?

Da mesma forma que o *Mar Vermelho* é, em figura, a *morte de Cristo por nós*, assim o *Jordão* é a *nossa morte com Ele*. Depois do *Jordão* vêm os combates em Canaã, na condição de exército de Deus, contra as hostes espirituais da maldade nos lugares celestiais. Mais adiante, encontramos Gilgal — a aplicação de nossa morte com Cristo ao estado da alma nos detalhes práticos. O acampamento estava sempre em Gilgal: isso é a constante lembrança de nossa identificação, pela fé, com Cristo na morte — identificação esta representada pelo *Jordão*. Depois disso, o maná, figura da provisão em Cristo que desceu aqui em baixo para o deserto, é substituído pelo “trigo da terra do ano antecedente” (ou o “trigo antigo”) — figura de um Cristo celestial. Finalmente, o príncipe do exército do SENHOR se apresenta diante deles.

O sucesso na guerra e a bênção no deserto dependiam do estado daqueles que estavam em relação com Deus: Ele abençoava, mas, ao mesmo tempo, governava no meio de Seu povo. Para nós, as duas coisas, o deserto e as guerras (guerras em que Israel estava envolvida na sua condição de exército do SENHOR), não acontecem no mesmo momento, mas sim enquanto a nossa vida humana dura. Somente a salvação, a redenção, é que acontece no *Mar Vermelho*; a experiência da libertação se encontra na figura do *Jordão*. A vara feriu o mar e não havia mais mar, exceto como salvaguarda para o povo. A arca mantém-se dentro do *Jordão* até que todos tenham passado. É bom notarmos que as condições, os “se”, não se referem à salvação, mas à viagem pelo

deserto. Por aqueles que têm a fé e a vida, vem, junto com os “se”, a promessa de estarem guardados até o alvo, de sorte que, pela Lei, não há nada senão incerteza: mas no deserto, trata-se de relações com um Deus vivo em meio de nossas experiências com Ele, e não de uma obra cumprida.

Quanto a Israel, historicamente, eles aceitaram no Sinai as promessas sob a condição de obediência. Essa é a primeira aliança, estabelecida por intermédio de um mediador; algo que requer dois partidos. O gozo dos resultados da promessa, dependente da fidelidade do ser humano tanto quanto da de Deus, não era em nada mais seguro do que a segurança que o mais fraco dos dois partidos do pacto podia oferecer. Ainda mais, antes mesmo que Moisés estivesse descido da montanha, o povo estava fazendo o bezerro de ouro. Assim como a antiga, também a nova aliança será estabelecida com Israel e Judá quando o Senhor voltará, perdoadando os pecados deles, para nunca mais se recordar deles, e Ele completará a Sua obra escrevendo a Sua Lei nos corações deles e não sobre as tábuas de pedra. Porém, o fato de que o povo, no Sinai, consentiu em receber a bênção sob a condição de prévia obediência, é de suma importância: Isso mudou o caráter do pecado e o agravou de tal maneira que não somente as coisas em si mesmas estavam más, mas resultou na transgressão da Lei, que, formalmente, ligava a autoridade de Deus às obrigações resultantes das relações em que o ser humano se encontrava — obrigações que a Lei proibia de serem violadas. As relações e as obrigações já existiam, mas a Lei tornava a transgressão dessas primeiras em uma transgressão positiva da vontade de Deus. Debaixo da Lei não se tratava apenas da justiça humana, mas da autoridade de Deus. O último mandamento — “Não cobiçarás...” — não se ocupa mais com atos pecaminosos, nem com o pecado na carne propriamente dito, mas de seus primeiros movimentos ainda ocultos. Fazia com que a alma nascida de Deus descobrisse a raiz do pecado na carne. E se até mesmo toda a Lei fosse cumprida, isso não seria nada mais do que justiça humana.

Uma outra grande verdade já indicada encontramos agora realizada: Deus habita aqui em baixo no meio de Seu povo — isso é ali, em meio de Israel, Ele estabeleceu o Seu trono. Duas coisas se juntam ali: o governo diretamente da parte de Deus, conhecido pela fé na Sua condição de Deus de toda a terra, e a existência de um lugar reconhecido onde se podia aproximar-se de Deus. Somente Deus não Se revelava mais; Ele permanecia escondido atrás do véu. Mas ali se oferecia os sacrifícios; ali se realizavam e se centralizavam todas as relações religiosas do povo com Deus — pelo menos aquelas que diziam respeito ao culto a Deus. Ali se purificava anualmente a habitação de Deus, ali se fazia expiação pelos pecados de Israel por meio dos sacrifícios — figuras do sacrifício de Cristo. Ao mesmo tempo, o tabernáculo era a expressão de coisas celestiais; somente o véu, que fechava a entrada do lugar santíssimo, ainda não fora rasgado, o ser humano não entrava ali senão o sumo sacerdote uma vez por ano. Assim era o estado do povo. Eles haviam aceitos a Lei como sendo, desde aquele dia, a condição do cumprimento das promessas. Deus estava presente no meio do povo, mas inacessível por detrás do véu, e o governo de Deus se exercia em meio do povo e em favor dele. Porém, o tabernáculo e todas as ordenanças não eram nada mais do que a sombra, e não a “imagem exata das coisas” (veja Hb 10:1). Por isso a epístola aos Hebreus procede ainda mais no caminho do contraste do que de comparação.

De passagem, notemos a graça e a condescendência de Deus em Seus caminhos para com o Seu povo. Estavam eles na escravidão? Deus Se apresentava como o Redentor deles. Eles deveriam errar como peregrinos pelo deserto? Deus também queria habitar em uma tenda juntamente com eles. Haviam de ser libertados da batalha em Canaã? Vejamos Deus com a espada nua, o Príncipe do exército do SENHOR. O povo estava estabelecido em paz na terra? Deus deixa construir uma habitação ali para Si tal como os palácios dos reis.

### ***Antigo Testamento Pentateuco***

Depois de termos contemplado de passagem aquilo que se refere à trajetória do povo de Israel pelo deserto, diremos algumas palavras a respeito de Deuterônimo, que constitui um livro à parte. Antes, porém, faremos algumas breves notas sobre o conteúdo do Pentateuco.

#### **Gênesis**

O livro de Gênesis coloca as bases e apresenta todos os grandes princípios das relações do homem com Deus: a criação, Satanás, a queda em pecado, o sacrifício, a separação dos santos desse mundo, o julgamento domundo, o governo que impõe um freio ao mundo, o chamado de Deus logo após a introdução da idolatria, as promessas, a semente divina; os fiéis, peregrinos e estrangeiros na terra, mas rendendo um culto regular a Deus, sem alguma outra instituição religiosa; a ressurreição (visto em Isaque); os judeus, o povo terrestre, visto em Jacó.

#### **Êxodo**

No livro de Êxodo encontramos a redenção, a Lei, o tabernáculo, um povo de Deus, a presença de Deus ligada ao Seu trono na terra, a antiga aliança e o sacerdócio.



## **Levítico**

No livro de Levítico vemos os detalhes com respeito aos sacrifícios, as prescrições em relação à pureza cerimonial e, em particular, como lidar com a lepra; vemos o grande dia da expiação, as festas; temos o ano sabático e o do júbilo quando todos foram reintroduzidos em sua herança e, finalmente, as ameaças proféticas em caso de desobediência por parte do povo.

## **Números**

No livro de Números nos é relatado o censo do povo, a separação dos levitas, a lei do ciúme, o nazariado, a história da travessia do deserto com a nuvem como guia e o povo debaixo do sacerdócio; e encontramos, ligado à história da conduta dos filhos de Israel durante aquela travessia, a bezerra ruiva. O povo, salvo dois homens e as crianças pequenas, perece no deserto. É pronunciada a apreciação final de Deus quanto a Israel, conforme a Sua graça soberana, por Balaão. No livro de Números também se encontra os detalhes dos sacrifícios para os dias de festa e, particularmente, para a festa dos tabernáculos. Temos ali a lei referente aos votos e à tomada de posse da terra ao leste do Jordão. São apresentadas a serpente de metal, a herança dos levitas e as cidades de refúgio. Em todos esses livros, não apenas os ritos e as cerimônias são de caráter tipológico, mas a própria história em si o é. Tudo isso representa coisas espirituais, como Paulo nos diz: "...tudo isso lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos" (1 Co 10:1-13).

Com exceção de Levítico 8 e 9 não temos nenhuma prova que um único sacrifício tivesse sido oferecido senão o a Moloque e a Renfã.

## **Deuteronomio**

O livro de Deuteronomio ocupa um lugar à parte: ele supõe que o povo esteja na terra de Canaã, e lhe chama à memória a sua desobediência insistindo na obediência devida ao SENHOR. O alvo desse livro é manter o povo leal a Seu Deus. Um lugar deverá ser designado no país, onde a arca deveria ser colocada e culto estabelecido, onde todas as festas seriam celebradas, para onde todas as ofertas e dízimos seriam levados, exceto aquilo que deveria ser dado ao levita no terceiro ano no lugar onde morava. Quase não se menciona os sacerdotes nesse livro; o povo está em relação direta com o SENHOR. A bênção é prometida caso houvesse obediência, e o julgamento seria resultado da desobediência. Historicamente, isso encontramos nos livros apócrifos (veja Tobias 1:6-8) desobediência. O livro termina com um cântico profético anunciando a apostasia do povo e o julgamento de Deus — julgamento esse que também seria aplicado às nações que teriam oprimido a Israel.

Nos livros de Êxodo e Levítico a questão em pauta é como se aproximar de Deus — no livro de Deuteronomio como usufruir da bênção do SENHOR, que manifesta um espírito de graça para com aqueles que estão em necessidade. Também trata-se o assunto de que foram colocados diretamente debaixo da mão do SENHOR, para observar com fidelidade a Lei que Ele lhes dera. Várias ordenanças são repetidas com relação às festas e cidades de refúgio, mas o que caracteriza o livro é um povo sem rei, sem profeta (como mencionado, os sacerdotes basicamente não aparecem), destinado à possessão da terra para servir ao SENHOR que lhe dera. Na época a qual esse livro se refere, somente Deus suscita, quando Ele o acha necessário, homens extraordinários para restabelecer o povo caído em decadência por consequência de seus pecados. Porém, como dissemos, o livro de Deuteronomio fala essencialmente do SENHOR e do povo.

## **Josué a 2 Samuel**

### **Josué**

O livro de Josué conta como o povo toma posse da terra de Canaã. A responsabilidade do povo é colocada em evidência, mas, de modo geral, Deus está com ele: nenhum inimigo pode se manter durante a guerra contra Israel. Deus esteve com Josué todos os dias da sua vida, e isso continuou nos dias dos anciãos que haviam sido testemunhas oculares das obras maravilhosas do SENHOR.

### **Juízes**

Não muito tempo depois (como se vê no livro dos Juízes), o povo cai em idolatria. Não exterminaram as nações sobre as quais Deus iria executar o juízo conforme a Sua medida. Vê-se os votos iníquos e ídólatras do povo. Ele cai debaixo do juízo de Deus, e é entregue nas mãos de diversos tiranos e perseguidores. De tempo em tempo Deus suscita um juiz para libertar Israel, e havia alívio e bênção durante a vida dele. Depois da sua morte, o povo cai novamente na mesma desobediência e é outra vez entregue a seus inimigos.

### **1 e 2 Samuel**

Finalmente, no tempo de Samuel, Eli, juiz e sacerdote, morre. A sua família é exterminada, a arca é tomada e as relações de Israel com Deus debaixo de sua própria responsabilidade chegam a um fim. Deus, contudo,

cumpra os seus votos, e a tomada da arca se torna em uma ocasião para pô-los em evidência. Cristo é o centro: Ele é Profeta, Sacerdote e Rei. O sumo sacerdote serve de ponto de contato entre o povo responsável e Deus. A arca era o lugar onde esse contato podia ser mantido. Mas a arca é tomada. Daquele dia em diante não havia mais um dia de expiação, nem o trono de Deus no meio do povo e nem a espersão de sangue conforme a ordem da Casa de Deus! Aquele que estava assentado debaixo dos querubins — onde Ele estava? Sem dúvida, Ele ferira o falso deus por meio de Seu grande poder, contudo isso não aconteceu em Israel, mas com os filisteus. Tudo chegou a um fim para um Israel debaixo de sua própria responsabilidade; mas a soberania de Deus e a Sua soberana bondade não podiam ser lançadas de lado nem ser limitadas. Ele intervém por meio de um *profeta*: Ele levanta Samuel, como outrora havia feito o Seu povo subir do Egito, até mesmo antes que a arca existisse. O profeta enviado por Deus em Sua soberania devia ser o laço entre o povo e Deus. Deus mesmo era Rei de Israel; mas o povo, querendo se assemelhar às outras nações e andar por vista e não mais pela fé, estabelece para si um homem como rei — Saul. Em geral, Saul é bem sucedido. Porém, Deus havia de abandoná-lo por causa de sua desobediência (que era a de Israel), e ele cai pela mão dos mesmos inimigos, cuja destruição era a razão dele ter sido levantado. Mas Deus, visando já a Cristo, queria um *rei*, e Davi era esse rei. O sacerdote, o profeta e o rei revelam o pensamento de Deus a respeito de Seu Ungido. Mas quando o filho de Davi, Salomão, tão abençoado como foi, falhou, como sempre tem acontecido com o ser humano, então o reino é dividido.

Há algumas observações a fazer com respeito à realeza em si. A realeza propriamente dita é o poder eficaz em exercício. No reinado de Deus, isso era assim com Deus. O rei, que reina da parte de Deus em Israel, em seu poder, é o instrumento da intervenção de Deus no meio de Seu povo. Temos visto o andar do ser humano em sua responsabilidade debaixo do sacerdócio e, ao lado do mesmo, vimos o profeta agindo da parte de Deus pela Palavra. Isso já era graça; mas agora o poder se une à graça para cumprir as intenções de Deus. Deus bem soubera Se livrar e vingar dos falsos deuses sem fazer uso do ser humano, mas queria então reinar por meio do homem: é esse o terceiro caráter de Cristo depois daqueles do sacerdote e do profeta — o Príncipe da paz — isto é Salomão, figura do Senhor —, contudo era em Davi, sofredor e libertador de Seu povo, que se mostrava de uma maneira característica o exercício de Seu poder. Será esse o meio do restabelecimento de Israel nos últimos dias (no salmo 71 temos o rei e o filho do rei). Davi, pois, leva a arca de volta a Quiriate-Jearim, porém ele não mais a põe no tabernáculo ao qual é ligada a forma exterior do culto, mas no monte Sião escolhido por Deus como a sede da realeza (veja Sl 132, 2 Sm 6 e 1 Cr 16). Naqueles dias, pela primeira vez (e isso por causa da graça e graça exercida em poder), Davi canta o cântico: “A sua benignidade é para sempre”. Esse cântico foi cantado de novo nos dias de Neemias — ocasião maravilhosa para tal — e o se ouve com vistas aos últimos dias nos salmos 106, 107, 118 e 136. Ainda que, historicamente, a realeza fosse colocada debaixo da responsabilidade, o grande e infalível princípio da graça agindo em poder é então estabelecido — a bondade de Deus é assegurada para com Israel na pessoa do Cristo: “A sua benignidade é para sempre”. Davi havia recebido a promessa de uma semente e de uma casa que jamais lhe faltaria (2 Sm 7:12-16; 1 Cr 17:11-14). O Cristo, o verdadeiro filho de Davi tem uma posição perfeitamente assegurada da parte de Deus, contudo, por aquele momento, a casa de Davi foi colocada debaixo da responsabilidade e logo falhou (2 Sm 23:5; compare Hb 12:18-22). O templo construído no monte Moriá, a morada de Deus, não tinha uma promessa de duração eterna.

## Resumo

Em resumo, o livro de *Josué*, começando com Gilgal através da morte, da qual o Jordão e a circuncisão são figuras, nos apresenta o poder espiritual de Cristo — Chefe e Guia de Seu povo. Os *Juízes* nos mostram a queda do povo, mas também a intervenção de Deus em graça. Em seguida vem *Samuel*, o último dos juízes, e então a realeza.

## *Os livros dos Reis e das Crônicas*

Israel, a saber as dez tribos, logo abandonou ao SENHOR, embora prevalecesse o Seu nome; Judá declinou menos rapidamente. É essa a história que nos é contada nos livros dos Reis e de Crônicas. Os últimos, os dois livros de Crônicas, foram escritos ou pelo menos acabados depois da volta do remanescente da Babilônia. Os livros dos Reis concentram-se, sobretudo, na história de Israel (depois da divisão do reino). Nós vemos ali a intervenção do SENHOR por meio de Elias e Eliseu. Contudo, a história de Judá é, nesses livros, relatada até o cativo. Os livros das Crônicas contêm essencialmente a história da família de Davi. O Davi das Crônicas difere muito daquele dos livros de Samuel. Esses últimos apresentam Davi no seu caráter histórico — Davi sujeito à prova e responsável. O mesmo princípio encontramos nos livros dos Reis que contêm a história do povo e a conduta de seus reis sob o ponto de vista de sua responsabilidade. Ao contrário, o primeiro livro de Crônicas nos mostra o Davi da graça e da bênção conforme os conselhos de Deus. Compreende-se, então, por que esse livro passa em silêncio por cima da história de Urias e de Bate-Seba e também a dos últimos dias de Salomão. O mal não é mencionado a não ser que a compreensão da história o faça expressamente necessário.

Israel, estabelecendo o culto dos bezerros de ouro, rompeu com o templo e, de fato, com o SENHOR. Sem dúvida, a responsabilidade é intimamente ligada à função do rei, mas o próprio Israel não saiu mais de sua posição errada. Seja para Israel, seja para Judá — aquela época é caracterizada pelo ministério dos profetas

enviados por Deus. Deus pensa nos fiéis que se encontram em Israel, embora o profeta não os ache mais. Que tocante testemunho de sua graça! Deus ainda sabia de sete mil homens, quando Elias, esse grande profeta que nem mesmo passou pela morte, não vendomais ninguém senão a si mesmo, disse: “eu fiquei só” (1 Rs 19:10 e 14). Notamos que os profetas em Israel e aqueles que renderam testemunho em Judá tinham caracteres bem distintos. Grande parte do ivro dos Reis conta a história de Elias e de Eliseu. O seu testemunho se referia aos direitos do SENHOR no meio de um povo apóstata, e servia para manter, no coração dos fiéis escondidos nesse povo, a fé nAquele que Israel em sua totalidade abandonara. Eles não deram testemunho referente ao Messias que havia de vir, nem às promessas de Deus em geral; mas eles fizeram milagres que não se vê com os profetas de Judá (salvo o sinal dado a Ezequias), porque a profissão do culto do SENHOR mantinha-se sempre viva. Elias e Eliseu mantinham, em suas pessoas, o testemunho do SENHOR no meio do povo apóstata e, como na época de Moisés logo quando foi estabelecido esse testemunho, faziam milagres por mantê-lo pessoalmente. Os profetas de Judá insistiram na fidelidade que um povo que professava servir ao Deus verdadeiro e possuir o Seu templo devia guardar para com o SENHOR. Eles encorajavam a fé pessoal, não por meio de milagres reveladoras do poder do SENHOR, mas por meio da promessa dada ao povo de acordo com o amor de Deus e com a Sua fidelidade que não pode ser desmentida.

O olho espiritual, durante esse tempo, pode observar na história deles um testemunho escondido. Elias no Horebe substitui, por assim dizer, a Lei violentada nas mãos do SENHOR; pois ele faz lembrar cada passo de Israel: Gilgal, onde este foi colocado à parte para Deus; Betel, o lugar da promessa feita a Jacó com respeito à terra; em seguida Jericó, o lugar da maldição; finalmente o Jordão ou a morte, pois Elias é arrebatado ao céu. De lá em diante Eliseu atravessa outra vez a morte e entra na sua carreira de serviço. Mas os milagres de Elias são milagres de julgamento, os de Eliseu, porém, salvo o segundo, são milagres de bondade e de graça.

Israel, levado cativo pelos Assírios, continua perdido entre as nações; mas não o será para sempre: o Messias, quando vier, o trará de volta. Aliás, os caminhos de Deus são seguidos publicamente na história de Judá. O ministério dos profetas tem continuado até que não havia mais remédio — como disse Jeremias —, isto é até o cativo babilônico, e até mesmo além desse. O cativo na Babilônia tinha, porém, quanto à terra, um significado imenso: o trono de Deus cessou estar na terra. O tempo das nações, do poder das “bestas”, do qual falara Daniel havia começado e continuará até a destruição da última besta por meio do poder do Senhor Jesus por ocasião de Sua vinda. Somente o Cristo podia ser apresentado aos judeus como rei: é essa a mensagem do Evangelho no que diz respeito a eles. Tendo O rejeitado, desde então são “vagabundos” sobre a terra, mas têm sobre si a marca de Deus, para serem conservados (sem estarem, como Israel, perdidos no meio das nações) para os dias da bênção que os aguardam. Então se arrependerão — pelo menos um remanescente dentre eles — e verão Aquele que traspassaram. As expressões “o Deus dos céus” “o Deus de toda a terra” não são mais confundidos ou usado em paralelo na profecia. A história de Israel debaixo da antiga aliança quando a bênção dependia da obediência do ser humano é levado a um fim; mas a promessa permanece mais ainda, a promessa do Messias e da nova aliança. Deus, na sua benignidade, coloca no coração de Ciro, que abandonou a idolatria grosseira de Babilônia e detestou os ídolos, que fizesse regressar ao menos um remanescente de Israel para a terra da promessa e até mesmo ajudasse a reestabelecer o templo do Deus verdadeiro e de seu culto. Foi no meio desse remanescente que, a seu tempo, veio o Messias prometido, mas pelos desígnios ainda muito mais gloriosos do que o restabelecimento de Israel, o ser humano é submetido a uma última prova. Vindo em humilhação para ser em tudo igual ao homem (com exceção do pecado), demonstrou por suas palavras e por suas obras o que Ele era e como era acima de todos. Mas veio em graça e bondade para com o ser humano, acessível a todos, abolindo todos os efeitos do pecado. Ainda assim, Ele reencontrou o pecado manifestado em seu verdadeiro caráter no ser humano, que rejeitou a Deus na pessoa do Salvador.

### **Resumo**

Em resumo, tentado pelo inimigo logo na sua inocência, o ser humano caiu. Ele foi provado sem lei e o pecado reinou. Debaixo da Lei, o ser humano a transgrediu. Finalmente, quando o ser humano já se encontrou na condição de pecador e transgressor, Deus veio em sua bondade, não lhe imputando os seus pecados, mas ele não queria receber a Deus. A história do ser humano sob responsabilidade então termina. Israel, no mesmo tempo, perdeu todo o direito ao cumprimento das promessas, aliás dadas incondicionalmente, porque rejeitou Aquele em Quem o cumprimento delas aconteceria.

### **Os Profetas**

Resta-nos agora fornecer alguns dados sobre os profetas para facilitar a compreensão dessas revelações de Deus e, depois, passar rapidamente sobre os hagiógrafos.

### **Isaiás**

De todos os profetas, Isaiás é aquele que abraça o horizonte mais estendido. Também ao longo do tempo em que Israel é reconhecido por Deus, o Assírio se constituía em inimigo. Ele o será também nos últimos dias; mas enquanto que aquilo que os profetas dizem dele encoraja os seus contemporâneos, aquilo que anunciam não encontrará o seu pleno cumprimento senão naqueles dias vindouros. Uma breve análise de Isaiás nos dará

o quadro completo da profecia. Os demais profetas fornecem os detalhes que não exigem mais muitas palavras. Os primeiros quatro capítulos são um prefácio que constata a ruína moral de Jerusalém e de Judá, os juízos que os sobrevirão e a sua restauração, trazendo a paz, aniquilando o homem e sua glória e revelando em Cristo a glória do remanescente. No capítulo 5, o juízo é baseado no abandono, pelo povo, da posição incial recebida da parte de Deus. No capítulo 6, a base do juízo é a incapacidade do povo de se manter na presença desse Deus que havia de vir. Essas são as bases do julgamento do homem, de Israel e da Igreja; mas em meio da cegueira geral do povo, Ele tem que ter um remanescente fiel. Finalmente, encontramos Emanuel, o filho da virgem e o firme fundamento para a fé. Por outro lado temos a Assíria, a vara de Deus. Também achamos (até o final do versículo 7, capítulo 9) o efeito da presença de Emanuel, pedra de tropeço para o povo, do qual Deus esconde o seu rosto. Também temos um santuário e, finalmente, Emanuel é o restaurador do povo em glória. Os capítulos 7 a 9:7 são um parêntesis que introduz Cristo. O versículo 8 do capítulo 9 retoma o fio da história do povo em suas diversas fases (vv. 8-12; 13-17; 18-21 e 10:1-4). Depois vem a Assíria com que os castigos chegam ao fim. Os capítulos 11 e 12 revelam a plena bênção do fim: O Santo de Israel está novamente no meio de Seu povo. Isso completa a panorâmica dos grandes elementos da profecia. Os capítulos 13 a 27 anunciam o juízo sobre os gentios e sobre Babel — cidade onde Israel estava em cativeiro —, que caracteriza os tempos dos gentios e o cativeiro de Israel. O juízo sobre a Assíria vem depois daquele sobre a Babilônia, o que mostra que se trata aqui dos últimos dias, porque, historicamente, a grandeza e o império babilônico foram fundadas sobre a queda da Assíria. Depois da Babilônia vêm os demais países; somente, no capítulo 18, se vê Israel restabelecida na sua terra, mas saqueado pelas nações até o momento de sua floração pública. Jerusalém e seu chefe sofrem o julgamento; em seguida o mundo todo é perturbado e o Senhor, que acode os fiéis, entra em cena. Os poderes do mal nos lugares celestiais são julgados, e os reis da terra sofrem o mesmo destino sobre a terra (veja Is 24:21). O véu que impedia as nações verem é removido, o opróbrio do ovo será abolido e a primeira ressurreição acontecerá. O poder da Serpente entre os povos será destruído; o SENHOR dirige a Sua atenção a Israel como a uma vinha que Lhe traz o Seu deleite (Is 25 a 27). Nos capítulos 28 a 35, nós temos uma série de profecias especiais que desenvolvem o último assalto das nações contra Israel. Edom e Assíria se acham em evidência, mas cada uma dessas profecias termina com a plena bênção de Israel e a presença do Rei (Cristo). Depois vêm quatro capítulos que se concentram na história de Senaqueribe — a razão gerador dessa profecia —, mas em que Ezequias é curado — figura de Cristo ressuscitado. A libertação dos assírios prefigura os acontecimentos dos últimos dias. Depois, do capítulo 40 até ao fim, encontramos a controvérsia do SENHOR com Israel, que abandonara o seu Deus por causa dos ídolos, e achamos o julgamento do grande centro da idolatria na terra, Babel, do qual Ciro, mencionado aqui por seu nome (veja Is 44:28; Is 45:1), se apoderará. Em uma palavra: é o juízo sobre a idolatria. Depois vem a rejeição de Cristo. A primeira parte chega até o fim do capítulo 48, a segunda, da qual Cristo é o tema, vai do capítulo 49 até ao fim do capítulo 57. Depois desse último capítulo, vemos Deus reclamando para Si o exercício da justiça e, então, depois de algumas repreensões feitas a Israel, assistimos a Sua glória nos últimos dias.

### **Daniel**

Nós nos prolongamos um pouco sobre o livro de Isaías, porque ele contém toda a cadeia da profecia e também os pensamentos de Deus para com Israel são novamente reconhecidos. Enquanto isso, Daniel nos dá a história dos poderes gentílicos figurados pelas “bestas”; logo os judeus são levados cativos, e por consequência se encontram fora do governo direto de Deus. Os demais profetas tratam de detalhes: Jeremias, do lado de dentro (o trono de Deus está ainda em Jerusalém), se ocupa com a ruína de Judá; Ezequiel, com Israel já rejeitado, considera tudo do lado de fora.

### **Jeremias**

Jeremias insiste na iniquidade que trouxe a ruína, mas, no capítulo 31, ele anuncia a graça e uma nova aliança com Judá e Israel; e, nesse capítulo bem como nos dois seguintes, profetiza da plena bênção de Judá e Israel. Encontramos, em seguida, o juízo das nações.

### **Ezequiel**

Ezequiel introduz o próprio SENHOR exercendo o juízo sobre Jerusalém, que havia abandonado, já não mais estando o Seu trono ali. Judá e Israel se encontram, então, na mesma posição diante de Deus — assim Ezequiel se ocupa tanto com um como outro. Nos capítulos 34 a 37, vemos Deus restabelecendo a Israel e o purificando. Judá e Israel são unidos juntos para nunca mais serem separados. Cristo (davi) se acha ali, e o santuário de Deus está no meio deles. Nos capítulos 38 a 39, o poder do Norte — Gogue, príncipe de Rós, Meseque e Tubal — sobe para desolar a terra de Israel. O juízo que o SENHOR executa sobre ele faz conhecer o nome do SENHOR e mostra também que Israel estava no cativeiro por causa de suas iniquidades. Ezequiel, em seguida, dá o plano do novo templo.

### **Daniel**

A Daniel, cativo na Babilônia, mas se guardando de toda mancha, é confiada revelação daquilo que diz respeito aos quatro impérios das nações. Os seis primeiros capítulos de seu livro contam a história desses

impérios como sendo a história do mundo: Daniel, ali age como um intérprete. Os seis últimos capítulos nos mostram os mesmos impérios em relação ao Israel cativo. Como em toda a profecia, a libertação de Israel é anunciada no final, bem como o julgamento de seus opressores. Daniel terá a sua parte nessa bênção.

### **Oséias**

Oséias prediz a deportação das dez tribos. Depois anuncia que, em consequência do cativo de Judá, não haveria mais um povo de Deus reconhecido sobre a terra, mas que, no fim, Judá e Israel teriam um só chefe (Cristo) e que essa jornada de bênção seria grande. Israel havia de ficar por muito tempo sem o verdadeiro Deus e sem falsos deuses, sem sacrifício e sem ídolos, mas reconheceria nos últimos dias ao SENHOR e a Davi (Cristo); o seu arrependimento é desenrolado no último capítulo.

### **Joel**

Joel anuncia, ocasionado por uma fome, a destruição do exército do Norte. Depois, prediz o dom do SENHOR a toda carne antes que chegue o dia grande e terrível do SENHOR.

### **Amós**

Amós, depois de ter anunciado o julgamento que acometerá várias nações de Canaã, declara que a paciência de Deus não suportará mais a iniquidade de Israel. Porém, ele também proclama, como todos os profetas, o retorno e a bênção do povo, acrescentando que nunca mais seria arrancado de seu país.

### **Obadias**

Obadias profetiza contra Edom, cujos inveja e ódio implacáveis contra Jerusalém se encontra freqüentemente no decorrer da profecia. Depois anuncia o dia do SENHOR, julgando as nações e, como sempre, a libertação de Sião.

### **Jonas**

Jonas porta um caráter especial. Se o SENHOR escolhera Israel para ser um povo particular a fim de conservar o conhecimento de Seu Nome na terra, Ele não é menos o Deus das nações — e um Deus de bondade e misericórdia. Quando os privilégios que Deus concede obscurecem o conhecimento daquilo que Ele é em Si mesmo, a possessão desses privilégios fazem nascer um duro espírito de partido. É isso que se vê claramente com os judeus. É notável que no livro de Jonas, o testemunho da misericórdia divina é dirigido ao grande inimigo do povo de Deus. Vê-se nesse profeta os caminhos de Deus ali, onde o arrependimento se manifesta. Sob certos aspectos, Jonas é um tipo conhecido do Salvador. O assunto do capítulo 4 está em contraste com a bênção especial dos judeus no fim: Deus também é Deus das nações.

### **Miquéias**

A profecia de Miquéias tem em certos aspectos alguma semelhança com a de Isaías, mas o desenrolar dos planos de Deus é muito menos completo em seu livro que se dirige mais prolongadamente à consciência do povo. Ele encerra a sua profecia afirmando que as promessas feitas a Abraão e a Jacó serão cumpridas.

### **Naum**

Naum mostra a indignação de Deus se levantando contra a arrogância do poder e do domínio humano. Anuncia a destruição de Nínive (a Assíria) que jamais se levantará de novo, e Judá será finalmente libertado.

### **Habacuque**

No livro de Habacuque se acha a expressão da fé no SENHOR apesar de tudo e também os caminhos de Deus na história do povo. O profeta lamenta a iniquidade que rodeia Israel, e Deus o faz ver os caldeus os quais prepara para castigar o país por causa dessa iniquidade. Então o afeto do profeta pelo povo se revela e ele se queixa dos caldeus. Deus lhe mostra que deve viver pela fé: Ele puniria esse inimigos violentos, cujas paixões lhe serviram de vara para castigar Israel. O fiel, porém, deve esperar. O dia do SENHOR virá e a terra será cheia do conhecimento da glória do SENHOR tal como o fundo do mar é coberto pelas águas. O profeta recorda a libertação antiga de Israel e se regozija no SENHOR, bem que nenhuma bênção aparece ainda de Sua parte.

### **Sofonias**

Sofonias anuncia o julgamento sobre o país que não deixa escapar nenhuma iniquidade: o dia do SENHOR, o dia da ira, da tribulação e da aflição, em que o país será devorado pela ira do SENHOR. Os mansos devem procurar o SENHOR, a fim de serem “escondidos” (So 2:3). Israel primeiro, depois os gentios — todos serão

Julgados. A Assíria é chefe desses últimos (porque aqui Israel é reconhecido). Em seguida temos o que diz respeito a Jerusalém. Deus a havia advertido como havia dito: “Certamente me temerás”, mas ela se corrompeu, indo de mal ao pior (veja So 3:7). O profeta se aproveita dessa ocasião para convidar o remanescente a esperar no SENHOR, que ajuntará todas as nações para julgá-los na Sua ira. Então a cena muda completamente: todas as nações invocarão o SENHOR de um coração puro e Israel será restabelecido de coração ao SENHOR. Iniquidade não se acha mais nele. O SENHOR fará dele um povo de renome e de glória entre todas as nações. Esse é o fecho harmônico de todos os caminhos de Deus, dos quais os profetas haviam falado.

Os profetas que ainda seguem, profetizaram depois do retorno da Babilônia e portam outro caráter.

### **Ageu**

Ageu, embora seja simples e breve, apresenta um grande interesse. Ele insiste que o povo pense no SENHOR e não em seus negócios passageiros. Ele faz um apelo ao povo para continuar a construção do templo interrompida por seus inimigos. Os chama a confiar no SENHOR e a continuar a obra sem esperar a permissão do rei da Pérsia. Os judeus obedecem a essa palavra, e de fato, logo que agem pela fé, são ajudados providencialmente o rei lhes concedendo a sua autorização. Mas é pela fé que Deus dirige tudo, porque ele dispõe dos corações dos reis. Isso sempre é assim quando a fé age conforme a Palavra de Deus, que, no caso a considerar, veio por intermédio dos profetas Ageu e Zacarias. O profeta anuncia, em seguida, que Deus sacudiria os céus e a terra de sorte tal que cada poder humano seria lançado de lado bem como os poderes espirituais que estão nos céus. Então terá lugar aquilo que a multidão dos discípulos deu para entender por inspiração quando Jesus entrou em Jerusalém: “Paz nos céus”. O poder de Cristo, chefe de Israel, identificado com o do SENHOR, será estabelecido.

### **Zacarias**

Zacarias se ocupa com o restabelecimento de Jerusalém naquele tempo, mas relatando a história da cidade até a primeira vinda de Cristo e até mesmo até a segunda. Ele não fala senão ocasionalmente da destruição das nações que assolaram Jerusalém. Ela é justificada e beneficiada pela administração da graça conforme a ordem perfeita e divina. Os maus são desterrados e encontram o seu lugar com a Babilônia; depois, Cristo é introduzido. Uma segunda profecia começa no capítulo 7 e introduz, no capítulo 11, a rejeição de Cristo por ocasião de Sua primeira vinda. Israel, nessa ocasião, é entregue nas mãos de um mau pastor. Depois, Jerusalém deve ser o lugar onde as nações serão julgadas e o espírito da graça e de suplicas está sendo derramado sobre o povo. Esse se arrependerá de ter levado à morte o homem que é o companheiro do SENHOR. A cidade será tomada, mas o SENHOR sairá para julgar os inimigos dela, e tudo será santificado em Jerusalém.

### **Malaquias**

Malaquias nos faz ver a decadência moral do povo depois de seu retorno da Babilônia. Mas há um remanescente no meio da ruína. A missão de João Batista é predito, o dia do SENHOR vem e a vinda de Elias é anunciada. O povo é reconduzida à Lei. Notemos bem que o cristianismo não aparece aqui, mas Cristo e sua rejeição. O Pastor é ferido e as ovelhas são dispersadas (Zc 13); depois chega o juízo. Nessas três profecias pronunciadas após a volta da Babilônia, quando um dos impérios representados pelas “bestas” de Daniel já havia sucumbido, e ainda que seja feita alusão às nações (porque era o seu tempo, elas possuíam o mundo), constata-se um encolhimento notável da cadeia da profecia, e ali encontra-se muito mais detalhes de aplicação direta a Cristo. Encontra-se aqui, é verdade, o Egito e a Assíria (Zc 10) — esses grandes atores entre as nações. Vê-se eles julgados, mas ainda assim novamente à espera dos últimos julgamentos. Eles fazem parte das bestas de Daniel, todas associadas ao cativo dos judeus, pois esse cativo caracteriza a posição do povo. Logo que a Assíria entra em cena, o trono de Deus se encontra no meio do povo em Jerusalém. Aqui, bem que o cativo sob o poder das nações subsista ainda e seja reconhecida, o horizonte, como havemos dito, se estreita e a cena é daqui em diante enchida pelo próprio Cristo e pelos detalhes que se relacionam com a Jerusalém restaurada. Depois vem o grande dia do SENHOR.

### ***Os Hagiógrafos***

Nos resta apenas dizer algumas palavras sobre os hagiógrafos.

### **Daniel**

Daniel faz parte desses livros conforme os judeus. Nós falamos de seu livro no caráter de profecia, embora tenha um caráter a parte: o trono de Deus desapareceu da terra e o profeta está na Babilônia. Mas ele porta também o mesmo caráter dos demais hagiógrafos que contêm discursos morais ou histórias de detalhes enquanto Israel é rejeitado, e que apresentam a expressão da afeição de Cristo por Israel. Encontram-se ali

as *relações* de Deus com o homem, e as atenções providenciais que Ele dá a Seu povo, logo que não trata mais deles na condição de “Seu povo” e não os reconhece mais como tal.

### **Salmos**

O salmos expõem esse estado de coisas mais do que qualquer outro livros das Escrituras. Dois princípios são a base de todo o livro: O primeiro é este que há, em meio aos maus, um remanescente que crê em Deus. O segundo é que o SENHOR e o Seu Ungido enfrentam oposição da parte do povo e das nações (Salmos 1 e 2). Em seguida, temos os conselhos de Deus em Seu Ungido, Filho de Deus e Rei, depois o Dominador de toda a Terra. Se Ele for rejeitado, então os fiéis devem sofrer e tomar a cruz deles (Salmos 3 a 7). No salmo 8, Ele é apresentado como o Filho do homem instituído sobre todas as obras de Deus. Com o salmo 9 inicia a história do remanescente no meio de Israel. Certos princípios servem de guia para a leitura desse livro. Sabemos que os salmos são divididos em cinco livros: Os salmos 1 a 41, 42 a 72, 73 a 89, 90 a 106 e 107 a 150. O método seguido nos salmos, *de modo geral*, é colocar primeiramente um pensamento principal e fundamental e, depois, acrescentar as experiências do remanescente nas circunstâncias apresentadas como base.

Assim, no *primeiro* livro os salmos 9 e 10 são a base; os salmos seguintes, até o final do salmo 18, são a expressão dos sentimentos que têm ligação com ela. Mas os últimos três nos apresentam mais diretamente Cristo. O salmo 18 é notável por repetir os sofrimentos de Cristo em toda a história de Israel após a saída do Egito até ao fim. Os salmos 19, 20 e 21 falam dos diversos testemunhos da parte de Deus: a criação, a Lei e Cristo. O salmo 21 mostra a introdução de Cristo na glória. O salmo 22 O apresenta, não só em ligação com os judeus, mas como feito pecado diante de Deus. A confissão dos pecados não se encontra antes do salmo 25. A questão principal nesse primeiro livro é largamento Cristo pessoalmente. O remanescente se encontra em Jerusalém, mas na presença dos maus.

No *segundo* livro, o remanescente é visto fora de Jerusalém. Com o salmo 45 o Messias está introduzido e de lá em diante encontramos o nome do SENHOR (ou: JAVÉ). Embora encontremos o nome do SENHOR, a fé reconhece a relação do povo com Deus (compare salmo 14 com salmo 53). Observemos novamente que o primeiro ou os primeiros versículos de um salmo dão habitualmente o assunto (a tese) e os versículos seguintes descrevem o caminho para chegar àquela conclusão. No segundo livro, as aflições de Cristo ocupam bastante lugar, depois vêm os desejos de Davi por estabelecer o seu filho no Reino Milenar.

O *terceiro* livro, fazendo ao todo menção de Judá e de Sião, abraça todo o Israel, fazendo um retrospecto e repassando a história do povo e a persegue até a aliança assegurada e feita com Davi e com a sua semente. Depois ter lembrado Moisés e dito como o SENHOR sempre fora o Deus de Israel, depois de ter falado do Messias e do sábado, então o *quarto* livro introduz o SENHOR vindo para estabelecer o Seu Reino e descreve o Seu cortejo desde as alturas até que seja assentado entre os querubins e até que as nações serão convocadas a se prostrar diante dEle e de Lhe render culto. Encontramos nesse livro os princípios do governo de Cristo, a Sua rejeição, Sua divindade e a duração de Seus dias como homem ressuscitado. E, finalmente, temos a bênção do povo e do mundo mediante a Sua presença. Deus Se recorda da Sua promessa feita a Abraão. Israel tem sido infiel, mas Deus, em graça, lembra-Se dele.

O *quinto* livro vai até o fim. Expõe os princípios e os caminhos do SENHOR e o retorno do povo à sua terra (os Cânticos dos Degraus). Então, Cristo Se assentará à destra de Deus, feito Senhor na Sua condição de Filho de Davi. A benignidade do SENHOR dura para sempre; a Lei está escrita no coração de Israel, que estava anteriormente desviado. Então, depois dos Cânticos dos Degraus e do julgamento de Babilônia, vem o grande “Hallel” ou aleluia, uma série de cânticos de louvor. Os salmos 72 e 145 são os únicos que descrevem o Reino propriamente dito.

O livro dos Salmos começa mostrando Cristo rejeitado; depois, introduzindo a Sua volta para estabelecer o Reino, ele nos dá os caminhos do povo e o seu restabelecimento na terra. Notemos aqui que, nos Salmos, não se encontra jamais Deus na condição de Pai, nem os sentimentos que cabem a filiação. Vê-se com clareza a confiança, a obediência, a fé em meio às dificuldades, a dedicação (como no salmo 63), a fé nas promessas, a fidelidade, mas jamais a relação de um filho com um pai. Falta de cuidado nesse ponto levou ao fato de que o caráter de mais que uma alma sincera foi rebaixado até mesmo pela leitura desse precioso livro.

### **Jó**

O livro de Jó nos mostra o ser humano posto à prova. Poderia ele, um homem renovado pela graça, como nós diríamos com o nosso conhecimento atual, um homem justo e íntegro em seus caminhos, poderia ele possuir em si mesmo a justiça e se manter diante de Deus em presença do poder do mal? Essa é a questão colocada nesse livro. Vêm-se aqui mais ainda os caminhos de Deus ao sondar os corações e lhes dar o conhecimento de seu estado verdadeiro diante dEle. Esse assunto é tanto mais instrutivo quanto nos é apresentado fora de qualquer dispensação ou revelação particular da parte de Deus. Jós é um homem tão piedoso quanto um descendente de Noé o podia ser, alguém que não havia perdido o conhecimento do Deus verdadeiro em uma época onde o pecado se espalhava novamente pelo mundo e onde a idolatria começou a se estabelecer, se bem que o Juíz estava prestes a puni-la. Vê-se também em Jó um coração que, embora esteja rebelado contra Deus,

ainda assim conta com Ele; um coração que se volta a Deus a Quem não acha; um coração que, porque conhece a Deus, embora esteja insubmisso, reclama para si qualidades que o frio raciocínio de seus amigos não consegue atribuir-lhe; todavia, ele se compraz em sua integridade e em seu vestido de justiça própria que Deus lhe imputa e que Jó imputa a si mesmo. Eliú censura essas coisas nele, lhe explicando os caminhos de Deus. Finalmente, Deus Se revela a Jó e seu coração é quebrantado. Depois, Deus o cura e o cobre, em paz, de bânçãos. Esse livro fornece também um quadro dos caminhos de Deus com respeito aos judeus e também o ensino do Espírito sobre o papel de Satanás nos caminhos do governo de Deus sobre a terra.

### **Eclesiastes**

O “Pregador” ou “Eclesiastes” pergunta se é possível encontrar felicidade *debaixo do sol*. Tudo é vaidade nos esforços do homem, mas há uma Lei, uma regra perfeita de conduta para o ser humano, e toda obra será pesada no julgamento de Deus. Não se vê, nesse livro, uma relação positiva com Deus. Encontra-se aqui o Deus Criador e o ser humano no mundo tal como ele é, mas não vemos o SENHOR (ou: JAVÉ), e menos ainda o Pai.

### **Provérbios**

É diferente em Provérbios. Esse livro nos apresenta a sabedoria de uma autoridade que refreia a vontade do homem, reprime a corrupção e a violência e, além disso, coloca um freio à auto-satisfação — o perigo para o ser humano. Vemos ali também os conselhos de Deus revelados naquele que a Sabedoria de Deus (Cristo) — objeto de Seu prazer, que encontra as suas delícias com os filhos dos homens. Ele era antes que o mundo fosse feito (veja Pv 8). Por toda a parte, nesse livro, nós temos o SENHOR (ou: JAVÉ) ou Deus que Se dá a conhecer e que age por meio de uma autoridade confiada ao ser humano, aos pais etc. Em seguida, Deus nos dá os ensinamentos próprios para evitar que as armadilhas estendidas nesse pobre mundo nos atinjam, mesmo sem que sejamos obrigados a aprender por própria experiência toda a iniquidade em que esse se encontra mergulhado.

### **Esdras e Neemias**

Os livros de Esdras e Neemias encerram a história da reintegração nacional de Judá sob o ângulo de vista duplo tanto religioso como civil. Esdras vem depois de Jesua e Zorobabel. Vê-se neles pessoas que agem pela fé: erguem um altar para ser-lhes uma defesa contra os inimigos que os rodearam; confiam em Deus (Esdras 3:2). Os profetas Ageu e Zacarias encorajam os judeus da parte de Deus que respondeu à sua fé. Mais tarde, Esdras chega — um homem fiel, devoto e confiante no SENHOR: instruído na Lei, ele coloca ordem na conduta do povo. Todavia, parece que, sob a influência da inclinação natural do coração humano, essa ordem degenerou em farisaísmo. Pelo momento, a fidelidade da parte dos judeus consistia em estar um povo separado para Deus, consistia em exigir uma genealogia judaica contínua — especialmente no caso dos sacerdotes —, e em enviar as mulheres estrangeiras embora. Neemias restabelece as muralhas e a cidade. Ele é um homem fiel e devoto, mas que gosta de falar de sua fidelidade. Pois as Escrituras apresentam esses dois caracteres de tal como se encontrassem nele.

### **Ester**

O livro de Ester faz ver a maneira em que Deus, em sua providência, embora Ele mesmo permaneça escondido, presta atenção em Israel. Frequentemente se vê que Deus não é mencionado nesse livro: é isso precisamente aquilo que convém, porque ele trata da providência de Deus enquanto Deus não Se mostra abertamente.

### **O Cântico dos Cânticos (Cantares de Salomão)**

O Cântico dos Cânticos apresenta a renovação das relações do Filho de Davi com o remanescente fiel de Israel nos últimos dias, quando esse remanescente Lhe será “Hefzibá” (“O Meu prazer está nela” — Is 62:4). Notamos que ele Se dirige sempre a “Sulamita” quando fala dela, ao passo que ela fala dele como o objeto de suas afeições, mas raramente se dirige diretamente a ele. A afeição da Igreja é mais calma com aquela que expressa em Cantares, porque a Igreja goza desde já do amor de Cristo como de algo conhecido, e se encontra em uma relação firmemente estabelecida, se bem que as conseqüências ainda não se manifestaram todas elas: pessoalmente, o crente pode entrar de antemão nos sentimentos que esse livro expressa.

### **Lamentações de Jeremias e Rute**

Há dois pequenos hagiógrafos que se destacam em nossas Bíblias. São eles: As Lamentações de Jeremias e Rute.

### **Rute**



A tocante história desse livro coloca diante de nossos olhares costumes primitivos e, ao mesmo tempo, traços admiráveis, e porta em si mesmo um selo incontestável de realidade. É importante, porque expõe a genealogia de Davi e, por conseguinte, de Cristo, e nos mostra uma mulher de entre os gentios admitida nessa genealogia.

### **Lamentações de Jeremias**

As Lamentações portam um caráter de dor produzida pelo sentimento que Deus feriu o *Seu* povo, demoliu o *Seu* altar e destruiu a *Sua* casa. Para o momento, debaixo da antiga aliança, isso é feito com Jerusalém e som o povo de Deus. Jeremias vê com os olhos de Deus, de dentro (de lá onde estava a casa de Deus e a sede de Sua autoridade), e não há remédio! Deve lembrar-se de que os livros de Esdras e Neemias contam o retorno de um remanescente dos judeus, restabelecido pela misericórdia de Deus, a fim de haver ali um povo ao qual a graça pudesse apresentar Aquele que Lhe havia prometido.

### **Resumo Geral**

A história do ser humano, considerado como correspondeu com a sua própria conduta, colocado à prova sem Lei e, mais tarde, debaixo da Lei, é terminada. Desde a queda, antes que o ser humano fora expulsado do jardim de Éden, a benignidade de Deus havia dado a promessa de um Salvador que esmagaria a cabeça da serpente; mas, para o momento, Deus deixou os homens a sós. Poupano aqueles que convinha conservar para povoar o mundo novamente, o dilúvio pôs um fim a uma raça decaída e mergulhada na corrupção e violência. Entretanto, o coração do ser humano continuou o mesmo (Gn 6:5; 8:21) — no mundo renovado todos os seres humanos caíram logo em idolatria. Então, a graça chama Abraão e as promessas formais relativas a sua semente são dadas. 430 anos mais tarde, essa raça de Abraão, separada para Deus, é colocada debaixo da Lei, regra perfeita daquilo que o ser humano devia ser. Os profetas recordam a Lei à consciência do povo, mas eles sustentam, ao mesmo tempo, a fé daqueles que eram fiéis no meio da infidelidade geral, relembando, confirmando e revelando a promessa da “semente” e aquela da vinda do grande e terrível dia do SENHOR. Vê-se disso um exemplo nas últimas palavras do profeta Malaquias (Mq 4). A promessa da semente e o apelo à consciência têm sido constantemente repetidos pelos profetas, até que não havia mais remédio. Entretanto, Deus cumpriu a promessa e enviou Cristo, a semente de Davi. Isso é a graça da parte de Deus. Isso era, sem dúvida, a fidelidade à Sua promessa e, nesse sentido, a justiça em Deus (tal como apresentada em 2 Pe 1:1), mas Ele não espera mais a responsabilidade do homem em observar uma regra que Lhe é imposta — Ele espera que receba a Cristo. Havia mais ainda. Cristo era a Palavra feita carne. Deus era em Cristo, reconciliando o mundo Consigo Mesmo e não Lhe imputava os seus pecados. Ele veio para os Seus, mas eles não O receberam. O mundo não O queria e não O conhece. O Pai foi manifestado no Filho — em Suas palavras e em Suas obras, mas o mundo não O reconheceu: “Eles viram”, diz o Salvador, “e eles odiaram a mim e a meu Pai”. Assim, os judeus perderam todo o direito às promessas, rejeitando Aquele em Quem elas haviam de se cumprir. Além disso, o ser humano não era apenas desobediente, mas, resumindo, mostrou o seu ódio contra Deus que Se manifestara em graça para com ele naquela situação. Da parte da responsabilidade do ser humano, toda relação com Deus é impossível. A cruz é a manifestação do amor de Deus para com o ser humano tal com ele é. Ela é mais ainda: ela é a realização de uma obra perfeita de propiciação, um sacrifício para tirar o pecado, uma base toda nova de relação entre o homem e Deus — uma relação que depende não da responsabilidade do ser humano, pois nesse terreno ele era perdido, mas da graça infinita de Deus. Ele não poupou nem o próprio Filho que, pelo Espírito eterno, se ofereceu a Deus sem mácula. Assim a graça reina pela justiça na vida eterna por Jesus Cristo, nosso Senhor. As promessas serão cumpridas. O crente possui a vida eterna e a possuirá em glória, quando será em semelhança ao Filho de Deus, que adentrou a glória em condição de homem; porque convinha que o coração de Deus e Seu amor fossem satisfeitos, Sua santa justiça fosse manifestada e honrada. Convinha que o Seu Filho, que deixou a glória por nós e que Se humilhou, sendo obediente até a morte, fosse exaltado conforme toda a glória que Lhe é devida. Nós somos assim introduzidos ao terreno do Evangelho.

### **Novo Testamento Observações gerais**

O Novo Testamento tem um caráter bem diferente do Antigo. Esse último nos relata a revelação dos pensamentos que Deus comunicou aqueles que foram os instrumentos dessa revelação e nos fazem adorar a sabedoria que se manifesta, mas o próprio Deus, no Antigo Testamento, sempre fica encoberto atrás do véu. No Novo Testamento, Deus Se manifesta. Nos evangelhos, encontramos a Ele próprio: gentil, bondoso, humano, Deus sobre a terra. Em seguida, O vemos irradiando uma luz divina nas comunicações subsequentes do Espírito Santo. Antigamente, Deus fazia promessas e também executou os Seus juízos; Ele governara um povo na terra e havia agido para com as nações com vista a esse povo, a qual deu a Sua Lei, e a qual concedera uma luz crescente por meio dos profetas. Sempre anunciava claramente a vinda dAquele que havia de Lhes falar de tudo referente a Deus. Mas a presença do próprio Deus, homem no meio de homens, modificou tudo. Ali, Deus deveria ter sido recebido na pessoa de Cristo como a coroa de bênção e de glória. E Sua presença teria banido todo o mal, revelado e conduzido à perfeição todo elemento do bem, e teria dado, ao mesmo tempo, um objeto e um centro para todas as afeições a ele voltadas em perfeita felicidade para a alegria desse objeto. Por outro lado, rejeitando a Cristo, nossa natureza miserável devia mostrar o que ela

realmente é, i.e. inimizade contra Deus. Ela tornaria evidente a necessidade para uma ordem completamente nova de coisas, onde a felicidade do homem e a glória de Deus estão fundamentadas sobre uma nova criação. Sabemos o que aconteceu. Ele que era a imagem do Deus invisível, tinha que dizer após do exercício de uma perfeita paciência: “Pai justo, o mundo não te conheceu”, e ainda mais do que isso: “Agora, viram-nas e me aborreceram a mim e a meu Pai” (Jo 17:25; 15:24).

Entretanto, esse estado triste do ser humano não conseguiu impedir que Deus cumprisse os Seus conselhos. Ao contrário, lhe forneceu uma ocasião de Se glorificar em cumpri-los. Deus não queria rejeitar o ser humano antes que o homem tivesse rejeitado a Ele. Assim já fora no jardim de Éden: O ser humano, consciente do pecado, não podia suportar a presença de Deus; se afastou dEle antes que Deus tivesse o lançado para fora do jardim. Mas quando o homem, por sua vez, havia inteiramente rejeitado a Deus, que viera em bondade ao seu encontro em sua miséria, Deus estava livre — se podemos ousar dizer assim, pois a expressão é moralmente correta — para perseguir os Seus desígnios eternos. Ora, nesse caso, Deus não executa o julgamento tal como o fez em Éden, onde o ser humano fora já afastado dEle. Mas a graça soberana, embora o homem seja irrevogavelmente perdido e se tenha declarado inimigo de Deus, persegue a Sua obra fazendo brilhar a Sua glória aos olhos do universo pela salvação de pobres pecadores que haviam rejeitado a Deus. Entretanto, a fim de que a sabedoria de Deus fosse manifestado até mesmo nos detalhes, essa obra da graça soberana, na qual Deus Se revelou, devia estar de acordo com todos os Seus caminhos revelados anteriormente no Antigo Testamento, deixando também espaço suficiente para o Seu governo sobre o mundo.

De tudo isso resulta que, além da grande idéia dominante, há, no Novo Testamento, quatro assuntos que se desenvolvem diante dos olhos da fé. O grande assunto o fato *par excellence*, é qu a luz perfeita está manifestada: Deus Se revela a Si Mesmo. Essa luz é manifestada no amor — um outro nome essencial de Deus.

Em segundo plano, Cristo, Quem é a manifestação dessa luz e desse amor e Quem, se tivesse sido recebido, teria sido o cumprimento de todas as promessas, é apresentado ao ser humano. Em particular, Se apresenta ao Israel responsável, com todas as provas pessoais, morais e de poder que fazem com que esse povo seja sem desculpa. Então, sendo Cristo rejeitado, essa rejeição se revela ser o meio para que a salvação fosse possível. Uma nova ordem de coisas (a nova criação, o homem glorificado, a Igreja participando da glória celestial com Cristo) é colocada diante de nossos olhares.

Em terceiro lugar, os relatos entre a nova e antiga ordem de coisas com respeito à Lei, às promessas, às profecias ou às instituições divinas sobre a terra, são claramente expostos — seja que apresentem a nova ordem de coisas como cumprimento e tendo colocado de lado aquilo que havia envelhecido, seja que constatarem o contraste existente entre a antiga e a nova ordem de coisas ou seja que demonstrem a sabedoria perfeita de Deus em todos os detalhes de Seus caminhos. Finalmente, o governo do mundo da parte de Deus é colocada em evidência, e apalavra profética anuncia os julgamentos e as bênçãos que acompanham a retomada das relações de Deus com Israel — relações estas rompidas por ocasião da rejeição do Messias.

Poderia-se dizer ainda, que tudo o que era necessário para o ser humano peregrino sobre a terra, até que Deus, em Sua autoridade, levasse ao cabo os desígnios de Sua graça, lhe foi abundantemente fornecido. Tendo daído, obedecendo ao chamado de Deus, daquilo que é rejeitado e condenado (e ainda não colocado na possessão daquilo que Deus tem preparado para ele) — o homem que tem respondido a esse chamado tem necessidade de algo que lhe dê direção. Ele precisa conhecer as fontes da força necessária para andar em direção ao alvo de seu chamado, e os meios para se apropriar dessa força. Deus, chamando-o a seguir ao seu Mestre rejeitado pelo mundo, não o deixou sem que lhe tivesse fornecido toda a luz e todas direções próprias para iluminar o seu caminho e o encorajar nesse.

### **Os Evangelhos**

Os evangelhos contam a vida do Senhor e o apresentam a nossos corações, seja por Seus atos, seja por Seus discursos, nos diversos caracteres que O tornam sobre tudo precioso às almas dos redimidos, em acordo com a inteligência espiritual que lhes fora dada e segundo as suas necessidades. Esses caracteres formam em conjunto a plenitude de Sua glória pessoal, até onde nós somos capazes de compreendê-las enquanto estamos, aqui em baixo, nesses vasos de barro. Estão excluídas disso as relações de Cristo com a Igreja, porque, além do anúncio de que Cristo havia de construir Igreja sobre a terra, as demais revelações com respeito a esse precioso mistério foram dadas aos apóstolos e profetas pelo Espírito Santo enviado após a Sua ascensão. É evidente que o Senhor devia reunir em Si Mesmo aqui na terra, conforme os conselhos de Deus e conforme as revelações de Sua Palavra, mais do que um caráter para mostrar o cumprimento de tudo aquilo que diz respeito à Sua glória e o matimento da mesma e para a manifestação da glória de Seu Pai. Mas para que isso pudesse acontecer, era necessário que Ele *fosse* alguma coisa, seja que O consideremos enquanto andava aqui em baixo, ou seja do ponto de vista de Sua verdadeira natureza. Cristo devia, portanto, cumprir o serviço que Lhe cabia realizar para com Deus na Sua condição de servo *par*

*excellence* e servindo a Deus pela Palavra no meio de Seu povo (veja Sl 40:8-10; Is 49:4-5 e outras passagens).

Uma multidão de testemunhas havia anunciado que o Filho de Davi se assentaria da parte de Deus sobre o trono de Seu pai. No Antigo Testamento, a realização dos conselhos de Deus com respeito a Israel é intimamente ligada Àquele que devia vir e que, sobre a terra, devia ter a relação de *Filho de Deus* com *Javé Deus*. O Cristo, o Messias ou Ungido, palavra que não é outra coisa senão a tradução desse nome, havia de apresentar a Israel conforme a revelação e os conselhos de Deus. Os judeus limitaram a sua espera quase unicamente a esse Seu caráter de Cristo, Messias e Filho de Davi, e ainda o faziam somente de sua própria maneira: eles não estavam vendo nada senão a elevação de sua nação, sem ter sentimento dos pecados deles e das conseqüências desses pecados. Entretanto, esse caráter de Cristo não era tudo que a palavra profética havia declarado referente aos conselhos de Deus, anunciados com respeito Àquele esperado até mesmo da parte do *mundo*. Cristo devia ser *Filho do homem*. Esse título que o Senhor Jesus gostava atribuir a Si mesmo é de uma grande importância para nós. O Filho do homem, segundo a Palavra de Deus, é herdeiro de tudo aquilo que conforme os conselhos de Deus havia sido destinado ao ser humano e que deveria pertencer à sua posição em glória — de tudo aquilo que Deus devia dar ao ser humano conforme os Seus conselhos (veja Dn 7:13-14; Sl 8:5-6; Sl 80:17). Porém, por ser herdeiro daquilo que Deus havia destinado ao ser humano, Cristo devia se tornar homem. O Filho do homem era verdadeiramente da raça humana. Que verdade preciosa e consoladora! Nascido de mulher, Ele realmente e verdadeiramente era homem, participando de sangue e carne, feito semelhante a Seus irmãos, mas sem pecado. Nesse caráter Ele havia de morrer e ressuscitar para herdar todas as coisas e para possuí-los em uma condição absolutamente nova — a condição de um homem ressurreto e glorificado; pois a herança havia sido sujada pelo homem em rebelião contra Deus e os co-herdeiros de Cristo estavam culpáveis tanto quanto os demais seres humanos.

Jesus, então, havia de ser o Servo *par excellence*, o grande profeta, o Filho de Davi e o Filho do homem; e por conseguinte verdadeiro homem sobre a terra, nascido de uma mulher, nascido debaixo da Lei, descendente de Davi, herdeiro dos direitos da família de Davi, herdeiro do destino do ser humano conforme a intenção e os conselhos de Deus. Por isso, convinha que glorificasse a Deus em acordo com aquela posição em que o ser humano se encontrava e em que havia falhado no que diz respeito a sua responsabilidade. Convinha que correspondesse àquela responsabilidade glorificando a Deus e que rendesse durante a Sua vida aqui em baixo o testemunho de um profeta, o da “testemunha fiel”. Quem poderia reunir em sua própria pessoa todas essas características? Deveria essa glória ser apenas uma glória oficial anunciada no Antigo Testamento como uma glória que um homem deveria herdar? A situação do ser humano, manifestado debaixo da Lei, demonstrava a impossibilidade de fazê-lo, tal como era, participante da bênção de Deus. A rejeição do Cristo acrescentou ainda a última prova disso. Com efeito, o ser humano precisava, sobretudo, ser reconciliado com Deus, e isso fora de toda a dispensação e do governo especial de um povo específico sobre a terra. O homem era pecador. Redenção era necessária tanto para a glória de Deus bem como a salvação dos seres humanos. Mas quem poderia executá-la? O próprio ser humano tinha necessidade da mesma; um anjo havia de guardar a sua própria posição, ocupá-la, preenchê-la e não podia fazer mais que isso — de outro modo não seria um anjo. Quem, então, de entre os homens podia ser herdeiro de todas as coisas e ter todas as obras de Deus colocadas debaixo de seu domínio conforme a Palavra de Deus? Era unicamente o Filho de Deus que devia herdá-la; era Àquele que as criara e que devia possuí-las. Àquele, então, que devia ser o Servo, Filho de Davi, Filho do homem, Redentor, era o Filho de Deus, o Deus criador.

A essas diferentes características de Cristo se atam não somente os caracteres particulares de cada um dos evangelhos, mas também a diferença que existe entre os primeiros três e o de João. Aqueles mostram Cristo apresentado ao homem, afim de que o ser humano o recebesse e mostram a Sua rejeição pelo ser humano. João, por outro lado, toma a Sua rejeição por ponto de partida de seu evangelho e apresenta a natureza divina manifestada em uma Pessoa, em cuja presença se encontravam tanto o ser humano em geral e o judeu e a Quem rejeitaram: “...estava no mundo, e o mundo foi feito por ele e o mundo não o conheceu” (Jo 1:10).

### **Mateus**

Voltemos, pois, um pouco para trás. Mateus mostra o cumprimento da promessa e da profecia. Nós vemos, em seu evangelho, Emanuel em meio aos judeus e rejeitado por eles. Eles se chocaram, portanto, com a pedra de tropeço. Depois, Cristo é apresentado como um semeador da Palavra: Mas era inútil procurar por fruto. Entram, em seguida, a Igreja e o Reino, substituindo Israel que deveria ter sido abençoado conforme as promessas, mas que as recusou, rejeitando a pessoa de Jesus. Contudo, quando receberem o Senhor depois do julgamento, os judeus serão reconhecidos como objetos da misericórdia. A ascensão não é mencionada por Mateus. Sem dúvida, é por essa razão que não é Jerusalém, mas sim a Galiléia, a cena da entrevista do Senhor com os Seus discípulos após a ressurreição. Jesus está com os pobres do rebanho que obedeceram à Palavra do Senhor ali onde a luz se elevou sobre o povo que estava assentado nas trevas. A missão de batizar parte também delá e se aplica às nações.

## **Marcos e Lucas**

Marcos coloca diante de nós o Servo e Profeta, Filho de Deus. Lucas nos apresenta o Filho do homem. Os dois primeiros capítulos nos oferecem um agradável quadro do remanescente de Israel.

## **João**

João, como já dissemos anteriormente, nos faz conhecer a pessoa divina do Senhor, vindo em corpo humano, alicerçe de toda a bênção; e ele nos mostra uma obra de propiciação que a própria base da condição onde o pecado não se acha mais, a base dos novos céus e da nova terra onde a justiça habita. No final do evangelho temos a promessa do Consolador; tudo em contraste com o judaísmo. Ao invés de nos mostrar o Senhor ligado com Abraão ou com Davi na condição de descendente da promessa, ou ligado com Adão na condição de Filho do homem, ou ainda em lugar de nos relatar o Seu ministério ativo na condição do grande Profeta que havia de vir, João nos mostra uma Pessoa divina no mundo, o Verbo feito carne.

Paulo e João nos fazem reconhecer que estamos em uma posição inteiramente nova em Cristo. O grande objeto de João, porém, é revelar-nos o Pai por meio do Filho e assim a vida pelo Filho em nós. Enquanto isso, os escritos de Paulo nos mostram o cristão diante de Deus em Cristo e nos revelam os Seus conselhos de graça. Temos que considerar também, que somente os escritos de Paulo falam da Igreja, com a exceção que Pedro menciona a edificação de pedras vivas para formarem um edifício ainda não acabado. Somente Paulo, porém, fala da Igreja na sua condição de “corpo” de Cristo.

## **Atos dos Apóstolos**

Os Atos dos Apóstolos contam o estabelecimento da Igreja pelo Espírito Santo vindo do céu, depois os trabalhos dos apóstolos em Jerusalém ou em Palestina bem como os trabalhos de outros obreiros do Senhor. Nos falam em especial da obra de Pedro e depois daquela de Paulo e terminam com o relato da rejeição do evangelho de Paulo pelos judeus da dispersão.

## **As Epístolas**

Expôr, e mesmo se fosse de forma somária, o conteúdo das epístolas, nos levaria longe demais: Limitemo-nos a dizer algumas palavras a respeito de sua ordem cronológica, destacando somente que elas desenvolvem a eficácia da obra de Cristo e o amor do Pai revelado nEle.

## **Tessalonicenses, Coríntios, Efésios, Colossenses, Filipenses, Filemom, Galátas, Timóteo e Tito**

Precisamos colocar em primeiro lugar aquelas, cuja data é certa: a primeira e segunda aos TESSALONICENCES, a primeira e segunda aos CORÍNTIOS, a epístola aos ROMANOS, aquelas aos EFÉSIOS, COLOSSENSES, FILIPENSES, e a FILEMOM. As últimas quatro foram escritas durante o cativeiro de Paulo. A epístola aos GALÁTAS foi escrito de 14 a 20 anos depois do chamado do apóstolo e depois que ele trabalhara algum tempo na Ásia Menor, talvez em seguida de sua permanência em Éfeso, porém, em todos os casos, depois da fundação das assembléias da Galácia. A primeira epístola a TIMÓTEO foi escrita por ocasião da partida de Paulo de Éfeso. A época exata não pode ser fixada. A segunda foi escrita no final da vida de Paulo, quando ele estava prestes a sofrer o martírio. A epístola a TITO se refere a uma viagem de Paulo a Creta, sem sabermos com exatidão quando essa viagem tenha acontecido (tem os que pensam que isso possa ter sido durante a estada de Paulo em Éfeso). Moralmente, ela é contemporânea da primeira a Timóteo. Não foi a intenção de Deus nos dar as datas cronológicas. A sabedoria divina não o quis, mas a ordem moral é bem clara. Pode ser visto na maneira em que a segunda epístola a Timóteo se amarra à ruína da casa de Deus, enquanto a primeira estabelece a ordem.

## **Hebreus**

A epístola aos Hebreus foi escrita em uma época relativamente tarde, visando o julgamento que havia de cair sobre Jerusalém. Apela aos judeus crentes de se separar daquilo que Deus estava para julgar.

## **Tiago**

A epístola de Tiago se refere à época em que essa separação não havia tido lugar de forma alguma. Os judeus crentes estão vistos como ainda fazendo parte de Israel que ainda não estava definitivamente rejeitado. Eles reconhecem somente Jesus como o Senhor da glória. Tal como as demais epístolas universais (as chamadas católicas), aquela de Tiago foi escrita nos últimos dias da história apostólica. Naqueles dias, o cristianismo havia encontrado uma entrada ampla em meio aos tribos de Israel e o julgamento havia de cerrar a sua história. As epístolas de João foram escritas mais tarde ainda.

### **As epístolas de Pedro**

A primeira epístola de Pedro nos faz ver que o evangelho já se espalhara muito entre os judeus. Ela se dirige a judeus crentes da dispersão. A segunda epístola é posterior, sem dúvida, e se coloca no final da carreira do apóstolo — época em que haveria de levantar a sua tenda e deixar os seus irmãos chegados. Ele não os quis deixar sem aquelas advertências que a atenção apostólica mais tarde não mais estaria lhes fornecendo. É esse o porquê da segunda epístola de Pedro, tal como a epístola de Judas, ver aqueles que haviam negado a fé, abandonando a senda da piedade e os escarnecedores que se levantavam contra o testemunho da vinda do Senhor.

### **As epístolas de João**

Na primeira epístola de João, conforme o próprio testemunho desse apóstolo, nos encontramos na “última hora”. Os apóstatas já se manifestaram — apóstatas da verdade do cristianismo, que negam o Pai e o Filho, ligado à incredulidade judaica, negando que Jesus é o Cristo.

### **Judas**

A epístola de Judas se situa, moralmente, antes daquela de João. Nos mostra falos irmãos que se introduziram ocultamente no meio dos santos. Ela nos conduz até a revolta final e ao julgamento. Difere da segunda epístola de Pedro em que ela não considera o mal como uma simples iniquidade, mas como o abandono do primeiro estado.

### **O Apocalipse**

O Apocalipse completa o quadro mostrando a Cristo como juiz em meio das igrejas representadas pelos candeeiros de ouro. A primeira igreja, tendo abandonado o seu primeiro amor, está sendo advertida que, se não houver arrependimento e um voltar ao seu primeiro estado, a sua lâmpada seria tirada. O julgamento final da Igreja encontramos em Tiatira a Laodicéia. Esse livro mostra, em seguida, o julgamento do mundo e o retorno do Senhor, o reino e a cidade celestial e, finalmente, o estado eterno.

O caráter geral da apostasia e do fracasso que se encontra em todos os últimos capítulos do Novo Testamento, depois da epístola aos Hebreus até o Apocalipse, é bem notável. As epístolas de Paulo, com exceção da segunda a Timóteo, que fornece direções individuais para o andar no meio da ruína, todas anunciam o progresso do estado de coisas, nos apresentando o trabalho e a atenção do sábio arquiteto. O interesse das suas informações está ligado aos fatos históricos dos Atos dos Apóstolos; mas a epístola aos Hebreus, as epístolas católicas e o Apocalipse — todas nos mostram o declínio já iniciado (a primeira epístola de Pedro, que menos porta esse selo, nos diz, entretanto, que o tempo havia chegado para que o juízo começasse pela Casa de Deus). Elas nos fazem ver, por conseqüência, o julgamento da igreja professa e, depois, profeticamente, o do mundo revoltado contra Deus. Esse caráter final das epístolas católicas tem algo de maravilhoso e instrutivo.